

3. Estruturas contrastivas

Partindo da hipótese defendida em Hudson (2001), segundo a qual um ensino da gramática com resultados positivos para o desenvolvimento da escrita está claramente direccionado para uma área particular do conhecimento explícito da língua, relevante para a expressão escrita, o presente capítulo é dedicado à descrição e análise das estruturas sintácticas e dos conectores que sustentam a expressão de contraste. O repertório de estratégias linguísticas que assegura a enunciação deste valor é um recurso determinante na produção bem sucedida de discursos argumentativos, sendo esta a área de confluência entre gramática e escrita escolhida para testar as hipóteses específicas de investigação.

Na secção 3.1., procede-se à análise sintáctica, semântica e discursiva de propriedades de unidades linguísticas contrastivas. Constituindo o conjunto das estruturas analisadas recursos disponíveis na gramática da língua – tipicamente, na gramática do adulto escolarizado —, a mobilizar em situações de construção de sequências textuais argumentativas, na secção 3.2., referem-se alguns dados disponíveis relativamente à aquisição e à estabilização do conhecimento destas estruturas linguísticas e explicitam-se questões de investigação que concretizam a questão geral colocada no final do Capítulo 2: o conhecimento e uso de estruturas contrastivas poderão potenciar o desenvolvimento da competência de escrita?

3.1. Estruturas contrastivas – descrição e análise

A importância de se definir uma área particular do ensino da gramática com um impacto directo na especificidade da aprendizagem da escrita foi uma questão crucial para a orientação do percurso de investigação. Que aspectos do conhecimento formal da gramática podem ser, por si, considerados basilares para um desenvolvimento adequado e sofisticado da competência de escrita?

Do ponto de vista do ensino da escrita, como se concluiu no Capítulo 2, vários estudos apontam para a importância de um ensino centrado em géneros textuais concretos (Grabe e Kaplan: 1996; Martin: 1993, e.o.) que promova experiências significativas de escrita, as quais devem constituir desafios ao desenvolvimento do processo de escrita (i.e., devem estimular uma escrita de «transformação de

conhecimento», em conformidade, por exemplo, com as propostas de Scardamalia e Bereiter (1987). Complementarmente, o contacto com géneros mais elaborados de escrita providencia a exposição a estruturas linguísticas menos frequentes (Nippold: 2004, e.o.). Pertencem a estes géneros de escrita os produtos que se tem convencionado incluir na «escrita académica» (Menyuk e Brisk: 2005, e.o.), que se estruturam, tipicamente, com o predomínio de sequências textuais explicativas e argumentativas¹.

Segundo Flamenco García (1999, 3810-3811), a concessividade e a adversatividade são dois tipos complementares de estratégia argumentativa de que dispõem os falantes para comunicar. A expressão de *conexões textuais contrastivas* é fundamental para a manutenção de estratégias argumentativas, particularmente na construção de argumentos de oposição e de concessão, nos quais, do ponto de vista pragmático, se enuncia (i) uma *oposição* a um determinado evento / estado ou a um determinado acto linguístico do interlocutor ou (ii) uma *concessão* estratégica, do ponto de vista do falante, a um determinado evento / estado ou ao ponto de vista do interlocutor, para reforçar o valor de verdade do conteúdo proposicional apresentado como inesperado. Com o recurso a subordinadas contrastivas de *enquanto*, pode ainda enunciar-se (iii) uma *contraposição* de eventos / estados concorrentes, que conduz o interlocutor a uma operação de comparação ou de confronto entre a informação das duas proposições da frase complexa. O domínio do repertório de estratégias linguísticas para expressar contraste, em particular a capacidade de formar frases adversativas e frases contrastivas de *enquanto* e a capacidade de recorrer aos diversos formatos das frases concessivas é, portanto, fundamental para a produção adequada e sofisticada de textos de carácter argumentativo.

A gramática do português disponibiliza vários mecanismos sintácticos que sustentam a expressão de contraste entre unidades oracionais. Os nexos contrastivos em unidades textuais podem ser assegurados pela conexão de frases (i) por coordenação, como no caso das adversativas, (ii) por subordinação, de que são exemplo as concessivas e as contrastivas de *enquanto* e, igualmente, (iii) através da ligação paratáctica de períodos e unidades superiores ao período, assegurada por advérbios e locuções adverbiais conectivos, como por exemplo *contudo* ou *ainda assim*.

Alguns argumentos, decorrentes da análise do funcionamento destas estruturas, como os que se apresentam de 3.1.1. a 3.1.4, permitem defender que o conhecimento e

¹ Em conformidade com a tipologia de sequências de Adam (1992).

uso de um repertório alargado de estruturas sintácticas de contraste são determinantes para garantir (i) diversidade lexical, (ii) fluência sintáctica, (iii) especificidade semântica na argumentação e (iv) complexidade na estrutura informacional.

3.1.1. Diversidade lexical

A pluralidade de opções sintácticas que garantem riqueza e fluência na construção de unidades textuais assenta num repertório vocabular alargado no domínio do conhecimento de conectores. Dito de outra forma, saber escrever textos equilibrados do ponto de vista da complexidade sintáctica e lexicalmente ricos implica o conhecimento activo e mobilizável de um elenco vasto de conjunções, de locuções conjuncionais e de advérbios conectivos. No caso particular dos conectores de contraste, esse conhecimento envolve opções entre as suas especificidades sintácticas (coordenadores *vs.* subordinadores, propriedades de selecção...) e semânticas (de oposição, de contraste por contraposição, de concessão, factuais, condicionais...).

O quadro 1 apresenta o elenco de conectores mais frequentes (conjunções, locuções conjuncionais e advérbios e locuções adverbiais conectivos), que participam em conexões proposicionais contrastivas entre frases, entre frases e períodos, entre períodos e entre unidades superiores ao período, organizados segundo os três valores básicos que se distinguiram antes: oposição, contraposição e concessão.

Quadro 1 – Elenco de conectores contrastivos²

VALOR BÁSICO	CONJUNÇÕES E LOCUÇÕES CONJUNCAIONAIS	ADVÉRBIOS E LOCUÇÕES ADVERBIAIS CONECTIVOS
OPOSIÇÃO	. mas, senão ³ , só que	. contudo, no entanto, porém, todavia ⁴ . agora, já, ora
CONTRASTE POR COMPARAÇÃO E CONTRAPOSIÇÃO	. ao passo que ⁵ , enquanto (que) . ao invés de, em vez de ⁶	. ao contrário, ao invés, contrariamente, inversamente, em contrapartida, em contraponto, paradoxalmente, pelo contrário ⁷ , por um lado... por outro ⁸
CONCESSÃO	. apesar de, não obstante, pese embora ⁹ . ainda que ¹⁰ , conquanto, embora, muito embora ¹¹ , se bem que . mesmo ¹² . inclusive se, mesmo que, mesmo se, nem que, por mais / muito / pouco / ... que, quer...quer, seja...seja ¹³	. ainda assim, assim mesmo, de qualquer modo/maneira/forma, mesmo assim, não obstante ¹⁴ . apesar d(isso), apesar de (tudo) ¹⁵

Embora a circunscrição de valores básicos permita a formação dos três subconjuntos propostos, certos conectores, associados a um dos três valores básicos, podem operar diferentes matizes semânticos do valor de contraste. Por exemplo, a oposição marcada por *mas* e por *só que*, pelo menos em alguns contextos, pode ter

² Considera-se que adverbiais com valor substitutivo e de reformulação, como *mais correctamente*, *mais precisamente*, *ou melhor*, *por outras palavras*, não têm um valor inerentemente contrastivo, funcionando antes como introdutores de paráfrases de conteúdo proposicional anterior.

³ Rudolph (1996, 4) considera a locução (*não*) *senão que* entre os conectores adversativos do português. Seguindo a análise de *sino*, para o espanhol, de Flamenco Garcia, e as propostas de Bechara (1999) e de Matos (2003), também Matos e Prada (2005) consideram *senão* conjunção adversativa.

⁴ Em Cunha e Cintra (1984), encontra-se também neste paradigma *entretanto*.

⁵ A oração introduzida por *ao passo que* com valor contrastivo não pode ocupar a posição inicial.

⁶ *Ao invés de* e *em vez de* são locuções conjuncionais que se constroem com infinitivo e têm valor de contraposição exclusiva.

⁷ Locuções adverbiais como *ao invés* e *ao contrário* têm um valor de contraposição exclusiva.

⁸ Locuções adverbiais como *por um lado...por outro* têm um valor de contraposição inclusiva.

⁹ *Apesar de*, *não obstante*, *pese embora* são locuções conjuncionais que se constroem com infinitivo.

¹⁰ *Ainda que* pode introduzir concessivas factuais e condicionais-concessivas hipotéticas e contrafactuais.

¹¹ *Muito embora* e *embora*, em orações gerundivas e em participiais, podem ocupar a posição pós-verbal.

¹² *Mesmo* constrói-se com gerúndio.

¹³ Segundo Peres *et al.* (1999), podemos ter entre as condicionais de condição suficiente aberta (incondicionais ou condicionais-concessivas) as introduzidas por *mesmo que*, *mesmo se*, *por muito que*, *por mais que*, *nem que*, *quer...quer* e *qualquer que seja*.

¹⁴ Lopes (1983) considera outros operadores de valor contrastivo transfrásico como *onde quer que*, *seja o que for*, *dê por onde der*, *aconteça o que acontecer*.

¹⁵ Brito (2003) inclui entre outras formas de expressar a concessão os sintagmas preposicionais *apesar disso* e *apesar de tudo*.

efeitos discursivos com consequências diferentes ao nível da interpretação (secção 3.1.2.2.). Por seu turno, alguns dos conectores apresentados são plurifuncionais, operando outros valores contrastivos específicos além do valor básico. A título de exemplo, note-se que a conjunção *mas* está associada ao valor básico de oposição, mas também pode expressar adição negativa (sendo comutável por *e não*) ou, até, contraposição (sendo comutável por *enquanto*) (secção 3.1.2.1.) e concessão (sendo comutável por *embora*) (secção 3.1.2.4.). Além disso, certos conectores, em particular os de natureza adverbial, podem ter distribuições não totalmente coincidentes, como será o caso dos advérbios *agora*, *contrariamente* e *contudo*, por exemplo (secção 3.1.2.3.). Dado que as propriedades diferenciadoras destes conectores são de natureza sintáctica, semântica ou discursiva, estes aspectos serão explorados e exemplificados nas secções seguintes.

Relativamente ao subconjunto de conectores concessivos, quer a diversidade lexical que o caracteriza, quer a complexidade estrutural dos itens que o constituem tornam interessante a consideração de um panorama geral da subclasse das conjunções concessivas na tradição gramatical. O elenco de conectores com valor concessivo não é consensual nas descrições de concessivas em português, como se verifica pelos exemplos transcritos de gramáticas e diferentes estudos, no quadro 2. A falta de uniformidade na descrição evidencia, antes de mais, a consciência da existência de uma multiplicidade de estratégias lexicais (e sintácticas) para manifestar concessão ou valores adjacentes.

Quadro 2 – Elenco de conectores concessivos na tradição gramatical e em outros estudos

Bechara (1999, 323-327)	Conjunções e locuções conjuntivas subordinativas concessivas: <i>ainda que, embora, posto que, se bem que, apesar de que, etc.</i>
Brito (2003, 718-720)	Conectores de concessivas factuais: <i>embora, conquanto, ainda que, posto que, (se) bem que, apesar de que, apesar de.</i> Conectores típicos de concessivas hipotéticas e de contrafactuais: <i>mesmo que e mesmo se.</i>
Cunha e Cintra (1984, 582 e 601)	Conjunções subordinativas concessivas: <i>embora, conquanto, ainda que, mesmo que, posto que, bem que, se bem que, por mais que, por menos que, apesar de que, nem que, que, etc;</i> com a conjunção intensificada: <i>por mais que, por maior que, por melhor que, por menos que, por menor que, por pior que; ou mais que, maior que, melhor que, menos que, menor que, pior que, etc;</i> com a conjunção reduzida à palavra <i>que</i> com antecipação do predicativo.

<p>Epiphanyo Silva Dias (1917, 280-284)</p>	<p>Conjunções e locuções concessivas de caso suposto e de realidade: <i>ainda que, inda que, em que (pese a), posto (que), caso que, dado caso que, sobre que, pêro (que), empero, se em como quer que, como quer que, sem embargo que, não embargando que, não embargante que.</i> De caso suposto: <i>que, nem que.</i> De realidade: <i>bem que, se bem que, com quanto, dado que, embora, mas que.</i> Outras expressões com valor concessivo: <i>por muito que, por mais que;</i> com emprego adverbial: <i>embora, ainda que, se bem que, posto que.</i></p>
<p>Lobo (2003, 93-97)</p>	<p>Conectores de concessivas canônicas: <i>embora, apesar de, se bem que.</i> Conectores de condicionais-concessivas (CC) escalares ou selectivas: <i>mesmo que, mesmo se, ainda que, por mais que, por muito que, nem que.</i> Conectores de CC universais: <i>qualquer que seja;</i> Conectores de CC alternativas: <i>quer...quer, seja...seja.</i></p>
<p>Lopes (1983, 177-191; 1989, 193-209)</p>	<p>Conjunções concessivas: <i>embora, posto que, ainda que, ainda quando, mesmo que, mesmo se, sem embargo de que, a despeito de que, em que pese a, apesar de, não obstante, por mais (muito) que, por menos (pouco) que, nem que.</i> Conjunções de disjunção condicional-concessiva ou concessivas alternativas ou disjuntivas implicativas: <i>quer...quer...(quer), seja...seja.</i> Operadores transfrásicos concessivos ou condicionais-concessivas universais: <i>de qualquer modo (maneira), onde quer que, seja o que for, seja como for, em todo o caso, dê por onde der, aconteça o que acontecer, como quer que, como quer que seja, quem quer que, por mais (muito), diga o que disseres, pode...pode...(ou pode) que.</i></p>
<p>Peres (1997, 784); Peres et al. (1999, 627-653)</p>	<p>Operadores de incondicionais ou de condicionais concessivas: <i>quer...quer, seja...seja,...(seja), ...ou não..., aconteça o que acontecer, dê (lá) por onde der, por muito que, por mais que, qualquer que, mesmo, mesmo se, mesmo que, ainda que, se, nem que.</i></p>
<p>Said Ali (1927, 138-140)</p>	<p>Conjunções de concessivas simples ou comuns: <i>ainda que, ainda quando, embora, conquanto, posto que, mas que, bem que, se bem que, se bem, não obstante que, apesar de que.</i> De concessivas intensivas: <i>por mais...que, por muito...que, por...que, custe o que custar, dê onde der, seja o que for, aconteça o que acontecer.</i></p>

Varela (2000, 54)	Operadores e expressões concessivos que surgem na literatura: <i>embora, ainda que, ainda quando, ainda assim, mesmo, mesmo que, mesmo se, conquanto, (se) bem que, nem que, sem embargo de que, a despeito de que, malgrado, posto (que), não obstante, apesar (de), apesar disso, apesar de tudo, em que pese a, suposto que, inclusive (se), (dado) caso que, se, que, por mais (maior, muito) que, por menos (menor, pouco) que, por melhor (pior) que, quer...quer...(quer), seja...seja...(seja), de qualquer modo (maneira), como quer que (seja), onde/quem/o quer que, qualquer (quaisquer) que, seja o que for, dê por onde der, aconteça o que acontecer.</i>
Vázquez Cuesta e Luz (1969, 122)	Conjunções concessivas: <i>embora, ainda que, posto que, apesar de que, sem embargo de, por mais que, conquanto, se bem que, mesmo que, quando, não obstante.</i>

Além dos conectores listados, outros autores referem outros conectores ou mais expressões com valor contrastivo. Por exemplo, Varela (2000) refere que *nem e inclusive se e mesmo assim, ao mesmo tempo, em todo o caso, sendo certo que, quanto mais não seja* não são geralmente incluídas na literatura, embora possam veicular o valor concessivo. Costa (2005) apresenta exemplos com *muito embora e pese embora*, que também não constam das listas das obras mencionadas.

Dos quadros 1 e 2, destaca-se a grande diversidade de conjunções, locuções conjuncionais, advérbios e locuções adverbiais que integram o repertório de conectores disponíveis no léxico para expressão contraste entre unidades de diferentes níveis de textualização. Das propriedades que caracterizam cada conector contrastivo – constituição morfológica, distribuição sintáctica, propriedades de selecção, valores semânticos operados -, são as propriedades sintáctico-semânticas, veiculadas pela informação lexical associada a cada item, aquelas cujo conhecimento explícito e cuja manipulação intencional podem contribuir, de forma mais saliente, para a estruturação bem sucedida de sequências argumentativas.

3.1.2. Fluência sintáctica

O repertório de estratégias sintácticas que expressam contraste é bastante vasto no seio de cada uma das três subclasses semânticas consideradas no quadro 1 (oposição, contraposição e concessão). Nesta secção, os conectores antes agrupados pelo seu valor semântico básico vão ser reagrupados em função do tipo de construção sintáctica em

que participam e, por vezes, a participação de um conector em diferentes configurações sintáticas permite-lhe operar especificações semânticas distintas.

Relativamente a conexões contrastivas interfrásicas, distingue-se o conjunto de conectores que participam de estruturas de coordenação, como as conjunções adversativas, do conjunto de conectores que estruturam frases subordinadas, como é o caso das contrastivas e das concessivas. Entre as estruturas de subordinação, discriminam-se as que integram orações finitas e as que integram orações não finitas.

Certas conjunções coordenativas e subordinativas, como *mas* e *apesar de*, garantem estratégias de estabelecimento de contraste entre constituintes intrafrásicos e *mas* pode, igualmente, participar em estruturas de elipse. O recurso intencional a estas estratégias, na escrita, pode ser considerado manifestação de escrita proficiente, pelo que interessa também ter em consideração a sua descrição.

Muitos dos conectores incluídos no quadro 1 podem participar na estruturação paratáctica de períodos e de unidades superiores ao período, o que será igualmente objecto de descrição.

Além da multiplicidade de estratégias sintáticas associadas aos diferentes conectores, serão ainda considerados casos de plurifuncionalidade estrutural e semântica de certos conectores contrastivos, como *mas*, *ainda que* e *não obstante*.

3.1.2.1. Subordinadas adverbiais contrastivas

As frases com valor de contraposição ligadas por conectores como *enquanto* ou *enquanto que* não são consideradas entre as subclasses de subordinadas, nem nas gramáticas tradicionais, nem nas gramáticas pedagógicas, mas têm sido descritas como estruturas de subordinação pertencentes à gramática do português europeu por diferentes autores (Costa: 2005; Lobo: 2003; Lopes: 2002; Peres: 1997; Tomás: 2003). Esta subclasse não fazia parte do elenco de orações da Nomenclatura Gramatical Portuguesa (1967) e continua excluída dos conteúdos declarativos quer do programa do ensino básico (DGEBS: 1991), quer do programa do secundário (DES: 2001; 2002), quer da TLEBS (AA.VV: 2002), quer do DT (DGIDC: 2008). Embora a construção de conhecimento metalinguístico sobre estas estruturas, por tradição, não esteja previsto nos documentos orientadores, nada impede a tomada de consciência do seu funcionamento, através da sua manipulação em exercícios de estímulo à compreensão e à produção.

Em (2) e (3) encontram-se exemplos de orações subordinadas adverbiais com *enquanto* e com *ao passo que*.

(2) A Ana gosta de ler, enquanto o Pedro gosta de ouvir música.

(3) A Ana gosta de ler, ao passo que o Pedro gosta de ouvir música.

Ao contrário, uma frase como (4), construída com a conjunção *enquanto* e com predicados verbais que enunciam situações dinâmicas nas duas orações, tem uma interpretação ambígua entre temporal e contrastiva¹⁶, como mostram as paráfrases possíveis em a. e b. Para se obter uma leitura contrastiva inequívoca, é necessário marcar prosodicamente a fronteira das orações, como se representa em (5), ou usar a locução conjuncional não ambígua *enquanto que*¹⁷, como exemplificado em (6):

(4) Enquanto a Ana lê, o Pedro ouve música.

a. *Durante o tempo em que a Ana está a ler, o Pedro ouve música.*

b. *A Ana lê, ao passo que o Pedro ouve música.*

(5) Enquanto a Ana lê //, o Pedro ouve música.

(6) Enquanto que a Ana lê, o Pedro ouve música.

A ambiguidade observada em frases com *enquanto*, como (4), é bloqueada sempre que as orações da estrutura complexa têm sujeitos co-referentes. Por exemplo, em (7), a leitura contrastiva é impossível, de acordo com a paráfrase em (7) b.

(7) Enquanto o Pedro_(i) estava a ler, [-]_{SUJ (i)/*(j)} ouvia música clássica.

a. *Durante o tempo em que o Pedro_(i) estava a ler, [-]_{SUJ (i)/*(j)} ouvia música clássica.*

b. **O Pedro_(i) estava a ler, ao passo que [-]_{SUJ (i)/*(j)} ouvia música clássica.*

¹⁶ Sobre o processo de gramaticalização de *while* e de *weil*, leia-se Lima (1997).

¹⁷ Note-se que, de um ponto de vista normativo, *enquanto que* é marginal. Sobre este assunto, leia-se Lopes (2002) e Costa (2005).

Pelo contrário, quando as situações descritas são estados expressos por predicados de indivíduo, como é o caso de (8) e de (9), a única interpretação viável é a contrastiva, como se ilustra com as paráfrases de cada exemplo.

(8) A Ana é alta, enquanto o Pedro é baixo.

a. **Durante o tempo em que a Ana é alta, o Pedro é baixo.*

b. *A Ana é alta, ao passo que o Pedro é baixo.*

(9) A Ana gosta de café, enquanto o Pedro adora chá.

a. **Durante o tempo em que a Ana gosta de café, o Pedro adora chá.*

b. *A Ana gosta de café, ao passo que o Pedro adora chá.*

As orações contrastivas com *enquanto (que)*, como as frases seguintes ilustram, têm comportamentos semelhantes aos de subordinadas adverbiais típicas, dado que têm a possibilidade de ocorrer em anteposição, como (10), intercaladas, como (11), e visto que são contextos de próclise, como se verifica em (12).

(10) Enquanto (que) o Pedro gosta de chá, a Ana adora café.

(11) A Ana, enquanto (que) o Pedro gosta de chá, adora café.

(12) A Ana adora café, enquanto (que) o Pedro o detesta.

Em Lobo (2003), estas construções são integradas no elenco de estruturas aparentadas com as subordinadas adverbiais, havendo apenas exemplos com *enquanto (que)*. A consideração da locução *ao passo que* no paradigma das contrastivas decorre da proposta de Peres (1997, 784), que inclui esta locução entre os operadores de conexões contrastivas, bem como da proposta de Lopes (2001, 377), que segue o mesmo critério. Note-se, contudo, que, ao contrário do que antes se observou, as estruturas com *ao passo que* têm comportamentos híbridos entre a coordenação e a subordinação, não ocorrendo antepostas, como se verifica em (13), e sendo, pelo menos, estranhas em posição intercalada, como em (14).

(13) **Ao passo que o Pedro gosta de chá, a Ana adora café.*

(14) ??A Ana, ao passo que o Pedro gosta de chá, adora café.

O comportamento desta locução relativamente à posição dos clíticos também não é transparente. Se bem que a oração em (15) seja um contexto de próclise, o exemplo (16) mostre que a ênclise não é completamente marginal.

(15) A Ana prefere café, ao passo que o Pedro o detesta.

(16) ?A Ana prefere café, ao passo que o Pedro detesta-o.

Ao contrário da opção de Lobo (2003, 107), que distingue duas subclasses semânticas específicas (as estruturas de *enquanto (que)*, como contrastivas, e as estruturas com a locução *em vez de*, como substitutivas), optou-se, no quadro 1, por incluir estas últimas entre as contrastivas, de modo análogo às propostas de Peres (1997) e de Lopes (2001), que consideram o conector *ao invés* contrastivo. Consequentemente, segundo a organização dos conectores pelo seu valor semântico básico, frases como as (17) e (18) são frases não finitas, construídas com infinitivo, exemplos de conexões contrastivas.

(17) O Pedro bebeu café em vez de beber chá.

(18) O Pedro bebeu café ao invés de beber chá.

Reconhecendo-se a existência de um valor de contraste entre uma pressuposição – a de que o Pedro normalmente bebe chá – e o facto que a ela se opôs – o Pedro bebeu café, efectivamente, o tipo de contraste marcado por estas duas últimas locuções é diferente do contraste operado por *enquanto (que)* e *ao passo que*. O facto de os dois conjuntos de conectores contrastivos não serem comutáveis, nem sintacticamente, nem semanticamente, permite destacar que, no caso da interpretação das contrastivas, esta é conseguida através de uma operação de comparação entre os dois termos postos em confronto, ao passo que, nas construções com *em vez de* e *ao invés de*, se opera uma contraposição total, ou seja, exclusiva, entre o que é esperado e a alternativa menos esperada, que é a que vinga. De um ponto de vista sintáctico, as contrastivas de

enquanto põem em contraste frases com sujeitos diferentes, enquanto as contrastivas de *em vez de* contrastam proposições com o mesmo sujeito. Estas distinções entre as duas estruturas justificam a opção adoptada por Lobo (2003).

Peres (1997, 784), no quadro de operadores proposto, atribui a *mas* a possibilidade de operar o valor de contraposição. Para que *mas* possa ter uma leitura de contraposição exclusiva, é necessária a negação da proposição que enuncia o que era esperado que acontecesse, como se exemplifica em (19)¹⁸.

(19) O Pedro não bebeu chá, mas bebeu café.

Relativamente à existência de subordinadas contrastivas enquanto subclasse de estruturas de contraste que se distingue das adversativas e das concessivas, Lopes (2001) constata que as construções com *enquanto (que)* não comutam livremente com adversativas, como se pode verificar através da comparação entre (20) e (21).

(20) Estava calor, mas o Rui vestiu um casaco.

(21) *Estava calor, enquanto (que) o Rui vestiu um casaco.

Já em contextos como os de (22) e (23), a substituição da locução contrastiva pela conjunção adversativa, com manutenção de uma interpretação contrastiva, é possível.

(22) Enquanto (que) a escola aposta na formação, a sociedade aposta no consumismo.

(23) A escola aposta na formação, mas a sociedade aposta no consumismo.

Aceitando a análise proposta por Lopes (*idem*), a equivalência semântica entre as estruturas em (22) e (23) é apenas parcial, sendo que a primeira expressa um contraste que pressupõe um processo prévio de comparação, por contraposição, entre

¹⁸ Note-se que é este o valor operado em configurações de Contraste Sintagmático, como em (i), que serão tratadas na secção 3.1.2.2.

(i) O Pedro não bebeu chá, mas sim café.

cada proposição e a segunda articula dois enunciados com orientações argumentativas diferentes. Dado que se verifica a mesma impossibilidade de comutação livre entre contrastivas de *enquanto (que)* e concessivas factuais, é justificável a existência de uma subclasse que marque a diferença semântica entre contrastivas, por um lado, e concessivas e adversativas, por outro.

3.1.2.2. Coordenadas adversativas

A coordenação adversativa é a estratégia a que mais frequentemente recorrem os falantes para expressar contraste entre frases. Os escritores menos experientes mantêm, na produção escrita, a preferência por esta estratégia (Costa: 2006; Prada: 2000; 2003). As estruturas de coordenação adversativa e os conectores que nelas participam são descritos e analisados em diversas obras, muitas das quais abordam igualmente as semelhanças e diferenças entre adversativas e concessivas (Bechara: 1999; Barros: 1998; Duarte: 2003; Flamenco García: 1999; Lobo: 2003; Lopes: 1971; 1983; 1989; Matos: 2003; Matos e Prada: 2005; Prada: 2000; Quirk *et al.*: 1995; Rudolph: 1996; Varela: 2000, e.o.). Nesta secção, destacam-se alguns dos aspectos mais relevantes para a descrição do funcionamento de estruturas com *mas* em sequências argumentativas e para a explicação dos dados de produção, em análise no Capítulo 4. Uma vez que estes dados confirmaram a hipótese de que, ao contrário das adversativas, são as estruturas concessivas as que manifestam estabilização mais tardia, ao longo da escolarização e a par da aprendizagem da escrita, sublinham-se, na secção seguinte, as características que permitem considerar a produção de concessivas uma alternativa sofisticada à produção de adversativas.

Considerando o elenco de conectores adversativos, em particular os de natureza conjuncional, salienta-se o facto de ser um conjunto extremamente reduzido¹⁹, em comparação, por exemplo, com o repertório de conectores conjuncionais concessivos. Nos exemplos (24) e (25), apresentam-se adversativas com a conjunção *mas* e com a locução conjuncional *só que*. Ainda que a locução *só que* não faça parte do elenco de conectores adversativos consagrados pelos estudos antes referidos, a sua ampla frequência, em situações menos formais de produção oral e, até, de produção escrita,

¹⁹ Peres e Mascarenhas (2006) sugerem que *mas* é o único conector adversativo interfrásico.

quer de adultos, quer de crianças, é certamente reconhecida por qualquer falante do português.

(24) O Pedro não gosta de ler, mas a avó dá-lhe sempre livros no seu aniversário.

(25) O Pedro não gosta de ler, só que a avó dá-lhe sempre livros no seu aniversário.

O facto de o matiz semântico de contraste antitético mobilizado por *só que* parecer enunciar, de algum modo, uma oposição mais forte ou menos expectável pode ser confirmado pela maior naturalidade do enunciado em (26), cujo contraste é fortemente marcado pelo reforço lexical advindo da interpretação de carácter reiterativo do verbo «insistir».

(26) O Pedro não gosta de ler, só que a avó insiste em dar-lhe livros no seu aniversário.

Como as orações encabeçadas por *só que* não podem ocorrer em posição inicial, como se constata em (27), e como, ao contrário da generalidade das locuções que integram *que*, esta locução não é proclisadora²⁰, como se atesta em (28), facilmente se aceita a sua integração na subclasse dos coordenadores.

(27) *Só que a avó dá-lhe sempre livros no seu aniversário, o Pedro não gosta de ler.

(28) a. O Pedro não gosta de ler, só que a avó dá-lhe sempre livros no seu aniversário.

b. *O Pedro não gosta de ler, só que a avó lhe dá sempre livros no seu aniversário.

A conjunção adversativa *senão*, à semelhança da locução concessiva *nem que*, é um item de polaridade negativa que só pode ocorrer em estruturas em que o primeiro termo é negativo, como é o caso do enunciado em (29).

(29) O Pedro não fazia mais nada senão estudar.

²⁰ Note-se, porém, que, com sujeitos nulos, a posição pré-verbal do clítico torna-se mais natural:

(i) O Pedro comprou um gelado, só que o deu / ??deu-o ao seu cão.

(ii) O Pedro comprou um gelado, só que lhe deram / *deram-lhe um que ele não tinha pedido.

Matos e Prada (2005, 708) mostram que este conector pode participar na construção Sintagmática Negativa Exclusiva, podendo, à semelhança de *mas*, ligar, através de um nexos contrastivo, constituintes intrafrásicos, à semelhança de (30).

(30) *Ninguém senão tu era capaz de me fazer rir.*²¹

Argumentos diferentes podem favorecer ou enfraquecer a ideia de incluir *senão* no paradigma dos conectores adversativos. Parece evidente que este conector permite pôr em contraste orações infinitivas, com infinitivo não flexionado, e, à semelhança de *mas* em construções de Contraste Sintagmático, permite contrastar constituintes sintagmáticos (como, no exemplo (30), [tu]). Contudo, de um ponto de vista estritamente semântico, este conector não opera o mesmo valor de contraste interfrásico que se reconhece em construções com, por exemplo, *mas*, *embora* ou *enquanto (que)*. Enquanto o contraste operado quer por concessivas factuais, por um lado, quer por contrastivas de *enquanto (que)*, por outro, pelo menos em alguns contextos, também pode ser expresso por *mas*, que é um conector contrastivo estrutural e semanticamente plurifuncional, o valor de contraste veiculado por *senão* não pode ser parafraseado por *mas*, como se mostra no exemplo (31).

(31) *Ninguém/*Alguém *mas* tu era capaz de me fazer rir.

Assumindo uma definição de «contraste» enquanto expressão semântica de uma alternativa ao conteúdo de um enunciado (Rooth, 1985), pode considerar-se que o valor das conexões com *senão* não é simplesmente o valor de uma alternativa, mas a expressão mais forte de uma excepção, associada à oposição à ideia inicial enunciada por *ninguém*. A especificidade semântica de *senão* parece justificar a opção pela não inclusão deste conector no paradigma dos adversativos, mesmo em estudos que o referem, como Varela (2000).

Em síntese, retomando a definição de contraste enunciada, a fixação do valor da alternativa é feita com base em informação explícita ou implícita, expressa na mesma estrutura sintáctica ou recuperável no contexto discursivo ou pragmático, podendo considerar-se contrastivas conexões sustentadas quer por conectores e configurações

²¹ Exemplo (36) de Matos e Prada (2005, 708).

sintáticas diferentes, quer pelo mesmo conector, em construções distintas. A este propósito, Lopes (1983) acrescenta que a operação de contraste, tal como a de negação, pode ter escopo sobre diferentes constituintes, o que pode ser evidenciado em diferentes construções em que participa o conector *mas*.

O conector *mas*, ao contrário dos outros dois conectores conjuncionais adversativos considerados (*só que* e *senão*), tem a particularidade de participar em conexões (i) de que resultam unidades superiores ao período, (ii) entre períodos e entre frases e (iii) entre unidades sintagmáticas. Aliás, considerando esta plurifuncionalidade de *mas*, Matos e Prada (2005) defendem a sua diferenciação dos demais conectores contrastivos, em particular dos concessivos factuais.

Enquanto conector que actua ao nível de unidades suprafrásicas, *mas* pode ocorrer destituído do seu valor antitético básico e funcionar antes como um marcador de mudança, mais ou menos súbita²², de tópico discursivo, em particular nas interacções orais (Castilho: 2000), como ilustram os enunciados em (32) e (33).

(32) – Fartei-me de limpar a casa a tarde toda e ainda há lixo por todo o lado!

- Bom, mas esquece isso agora e vamos ao cinema!²³

(33) – Tem estado um calor insuportável!

- Sim, quase não é possível sair de casa... Mas, e os teus filhos? Onde estão?

Ainda ao nível de macro-unidades discursivas, o conector *mas* pode unir paratacticamente unidades textuais superiores ao período (Duarte: 2003; Matos: 2003; Matos e Prada: 2005). Como se verifica nas sequências argumentativas do excerto seguinte²⁴, de um discurso de Jorge Sampaio, em (34), o valor operado pelo conector *mas* não é o valor básico de contraste antitético, mas antes um valor aditivo ou de alternativa, que poderia ser parafraseado por *além disso*. Note-se que, para a expressão

²² Castilho (2000, 39) apresenta um *mas* no exemplo de «*assalto ao turno*» que se transcreve:

(i) «L1 – *porque está num grau mais alto né?...você ficava repressivo assim “á eu quero me*

L2 – *mas é que antes outras pessoas*

L1 – *matar” e ficava sozinha na floresta...»*

²³ Matos e Prada (2005, 706) consideram exemplos como este casos de «*articulação de constituintes textuais*».

²⁴ Para exemplificar, de forma efectiva, contextos de ocorrência de *mas* em unidades supra e intrafrásicas, recorre-se a unidades textuais e a textos nos exemplos (34), (35), (37) e (57). Destes, pelo menos três encontram-se transcritos em publicações pedagógicas.

deste valor aditivo de *mas*, concorre a correlação que se estabelece com o advérbio *também*.

(34) NOVA IORQUE, 10 DE MAIO DE 2002
ALOCUÇÃO DE SUA EXCELÊNCIA, DR. JORGE SAMPAIO, PRESIDENTE DA
REPÚBLICA PORTUGUESA, POR OCASIÃO DA SESSÃO ESPECIAL DA
ASSEMBLEIA GERAL DAS NAÇÕES UNIDAS SOBRE A CRIANÇA

É com particular agrado que participo nesta Sessão Especial da Assembleia Geral das Nações Unidas sobre a criança. Primeiro, porque Portugal se orgulha de ser um protagonista empenhado em toda esta problemática, atribuindo uma importância decisiva à promoção dos direitos da criança. Depois, porque esta Assembleia Geral especial consagra uma viragem histórica na abordagem desta questão que nos permitirá estabelecer uma verdadeira agenda da criança para o século XXI. Por último, porque, pessoalmente, entendo que a temática da criança constitui uma prioridade política, central e decisiva para o futuro individual de cada um e o destino colectivo de qualquer sociedade.

Gostaria, antes de mais, de saudar o Secretário Geral das Nações Unidas, responsável pela inclusão desta Sessão Especial no quadro das importantes Conferências levadas a cabo pelas Nações Unidas e grande impulsionador dos trabalhos desenvolvidos em prol dos direitos da criança sob a égide desta Organização.

Mas quero ***também*** endereçar uma palavra de gratidão a todos quantos, representantes governamentais, da sociedade civil e dos jovens na Ásia, África, América Latina e na Europa, participaram na preparação desta Sessão Especial. Com o seu empenho interpelaram a consciência dos políticos do mundo inteiro, tendo assim desempenhado um papel estimulante no estabelecimento de uma agenda internacional da criança e na construção de um mundo digno das crianças.

Em nome de Portugal, quero igualmente expressar o nosso reconhecimento e incondicional apoio à UNICEF, que tem tido um papel decisivo na luta pela defesa dos direitos da criança.

Esta Sessão Especial constitui uma oportunidade única para reafirmar a nossa responsabilidade pela construção de um mundo em que o direito de ser criança e jovem constitua uma realidade universal sem quaisquer distinções nem discriminações.

Mas é também um tempo forte para reclamar o direito das crianças e dos jovens a uma cidadania própria, baseada quer no reconhecimento da sua individualidade e vulnerabilidade intrínsecas, quer na sua capacidade para participar e influenciar decisões, contribuindo, assim, de uma forma decisiva, para o progresso das nossas sociedades.

Nos exemplos (32) a (34), em que *mas* é um conector de unidades superiores ao período, os nexos não expressam o valor básico de contraste. Contudo, é possível encontrar contextos de conexão de macro-unidades textuais em que *mas* opera o mesmo valor de contraste antitético que se reconhece nas conexões interfrásicas. Nestes casos, o contraste não afecta apenas a interpretação da proposição imediatamente anterior, como em contextos de coordenação adversativa, que actua entre orações, mas afecta todo o conteúdo proposicional das unidades textuais anteriores. No poema de Nuno Júdice, transcrito em (35), a conexão marcada por *Mas*, na sétima estrofe, é exemplo disto, estabelecendo um contraste entre os seis primeiros dísticos e os três dísticos seguintes.

(35) *PARA ESCREVER O POEMA*

*O poeta quer escrever sobre um pássaro:
e o pássaro foge-lhe do verso.*

*O poeta quer escrever sobre a maçã:
e a maçã cai-lhe do ramo onde a pousou.*

*O poeta quer escrever sobre uma flor:
e a flor murcha no jarro da estrofe.*

*Então, o poeta faz uma gaiola de palavras
para o pássaro não fugir.*

*Então, o poeta chama pela serpente
para que ela convença Eva a morder a maçã.*

*Então, o poeta põe água na estrofe
para que a flor não murche.*

Mas *um pássaro não canta
quando o fecham na gaiola.*

*A serpente não sai da terra
porque Eva tem medo de serpentes.*

*E a água que devia manter viva a flor
escorre por entre os versos.*

*E quando o poeta pousou a caneta,
o pássaro começou a voar,
Eva correu por entre as macieiras
e todas as flores nasceram da terra.*

*O poeta voltou a pegar na caneta,
escreveu o que tinha visto,
e o poema ficou feito.*

Nuno Júdice, *A Matéria do Poema*, Publicações Dom Quixote, Lisboa, 2008 (o negrito é meu)

O conector *mas*, ao contrário de outros contrastivos como os concessivos factuais, tem a particularidade de poder participar também em estruturas sintagmáticas com valor contrastivo, conforme defendem Matos e Prada (2005). Por exemplo, o enunciado em (36) ilustra uma construção com valor de contraste, em que parte do material lexical está elidida, embora a interpretação seja reconstruída discursivamente. Este exemplo (36) é uma estrutura de elipse do predicado, denominada Despojamento (Matos: 1992).

(36) O Pedro não gosta de ler, *mas* a Ana *sim*.

Em (37), ilustra-se um caso de Contraste Sintagmático, construção através da qual, não havendo elipse verbal (Matos: 2003), o grupo nominal ganha proeminência discursiva, sendo interpretado de forma contrastiva.

(37) O Pedro não leu o livro, *mas sim* a revista.

Configurações sintáticas de Contraste Sintagmático são comumente encontradas em sequências discurso argumentativo do adulto, como se ilustra em seguida:

(38) *Na verdade, não são os avanços científicos e industriais que ameaçam o Homem e a Natureza, **mas sim** a maneira errada e inconsciente como a Humanidade aplica as suas conquistas tecnológicas.*

Jacques-Yves Cousteau, «Segredos do Mar, o Mundo Fascinante dos Oceanos e das Ilhas», *Seleções Reader's Digest*, Julho de 1978 (o negrito é meu)

Nem nestes contextos, de elipse, em (36), de ligação sintagmática, em (37) e (38), nem nos contextos discursivos de mudança de tópico conversacional, como (32) e (33), nem num contexto de ligação suprafrásica, como (34), o conector *mas* pode ser comutado por qualquer um dos advérbios conectivos com valor adversativo antitético (*porém, todavia, contudo, no entanto*). Estes conectores podem, contudo, substituir *mas* na estruturação de unidades textuais paratáticas com valor de contraste, como o exemplificado em (35), e, naturalmente, têm uma distribuição mais livre do que as conjunções.

3.1.2.3. Advérbios conectivos²⁵

Em conformidade com o que se defendeu em Costa (2009), a inclusão, no DT (DGIDC: 2008) da classe dos advérbios conectivos constituiu uma inovação, na linha da tradição culta dos estudos gramaticais luso-brasileiros.

A TLEBS, na sua primeira versão (AA.VV.: 2002), consagrou a existência da subclasse dos *advérbios conectivos*, para fins de ensino, seguindo a descrição de *Quirk et al.* (1972). No DT, o conceito é conservado, mas acentua-se a ruptura com o ensino tradicional, ao clarificar-se, de forma vinculativa, a distinção entre esta subclasse e subclasses de conjunções, o que afecta de forma particular os conectores adversativos, na medida em que palavras e locuções tradicionalmente consideradas conjunções, como *porém, todavia, contudo* ou locuções conjuncionais, como *no entanto*, passam a ser classificadas como advérbios ou locuções adverbiais.

Os advérbios conectivos, como *seguidamente*, na frase (39), partilham de propriedades sintáticas dos advérbios de frase, de que é exemplo *provavelmente*, na frase (40), na medida em que não são afectados pela negação frásica, como se ilustra em (41), nem por processos de interrogação ou de clivagem, como os exemplificados em (42) e (43).

(39) A rapariga entrou na livraria. Seguidamente, ela pegou num livro ao acaso.

(40) A rapariga entrou na livraria. Provavelmente, ela pegou num livro ao acaso.

²⁵ Os resultados apresentados nesta secção foram previamente publicados em Costa (2009).

- (41) A rapariga entrou na livraria. *Não seguidamente, ela pegou num livro ao acaso.
- (42) A rapariga entrou na livraria. *Foi seguidamente que ela pegou num livro ao acaso?
- (43) A rapariga entrou na livraria. *Seguidamente é que ela pegou num livro ao acaso.

À semelhança de advérbios de frase, os conectivos podem ocupar a posição inicial de uma frase, como em (44), a posição final, normalmente antecidos de quebra entoacional, como em (45), e posições intercaladas, como entre o sujeito e o predicado, em (46), ou entre o verbo e um complemento do verbo, como em (47). Note-se que a substituição do advérbio conectivo *seguidamente* por um advérbio de frase, como *provavelmente*, não afecta a correcção sintáctica das frases.

- (44) A rapariga entrou na livraria. Seguidamente, ela pegou num livro ao acaso.
- (45) A rapariga entrou na livraria. Ela pegou num livro ao acaso, seguidamente.
- (46) A rapariga entrou na livraria. Ela, seguidamente, pegou num livro ao acaso.
- (47) A rapariga entrou na livraria. Ela pegou, seguidamente, num livro ao acaso.

Naturalmente, o que leva a que os advérbios conectivos possam ser considerados uma subclasse diferente da subclasse dos advérbios de frase (DGIDC: 2008) são as características que os distinguem. Enquanto os advérbios de frase contribuem para a estruturação da informação proposicional no domínio frásico que modificam, os advérbios conectivos têm a função de estabelecer conexões semânticas entre unidades independentes (frases, períodos, unidades superiores ao período), contribuindo para a estruturação de macro-unidades textuais.

Outro aspecto que distingue advérbios de frase e advérbios conectivos reside no facto de pertencerem, tipicamente, a subclasses semânticas diferentes, sendo os

primeiros frequentemente avaliativos (como *infelizmente* e *honestamente*)²⁶ e os segundos pertencentes a subclasses em alguns casos nocionalmente próximas das subclasses semânticas de conjunções (Costa, 2005; 2006), como é o caso dos advérbios conectivos adversativos, que operam um valor de contraste antitético ou de oposição. Evidentemente, este último subconjunto de palavras conectivas que partilham propriedades de advérbios e de conjunções é particularmente interessante para a definição de uma gramática estruturadora da competência de escrita, uma vez que se trata de conectores que participam na estruturação de unidades textuais frásicas e suprafrásicas.

Ainda que esta preocupação não tenha sido transposta para as gramáticas escolares, desde cedo se verifica, na tradição gramatical luso-brasileira erudita, o cuidado em fazer uma descrição diferenciadora do comportamento de algumas palavras tradicionalmente integradas na classe das conjunções. Em diferentes gramáticas e em outros instrumentos normativos, como prouários, não é difícil encontrar informação sobre o comportamento atípico, para uma conjunção, de conectores como *porém*, *todavia*, *contudo*, *no entanto*, do paradigma semântico das coordenativas adversativas, bem como sobre o comportamento atípico de *pois*, *logo*, *portanto*, *por conseguinte*, do paradigma das coordenativas conclusivas. Estes conectores, tal como se observou antes para o advérbio conectivo *seguidamente*, têm características semelhantes às de advérbios de frase, uma vez que não são afectados pela negação frásica, como se atesta em (48), nem por processos de interrogação, como em (49), ou de clivagem, de acordo com (50).

(48) A rapariga entrou na livraria. *Não contudo, ela saiu sem encontrar o livro que queria.

(49) A rapariga entrou na livraria. *Foi contudo que ela saiu sem encontrar o livro que queria?

(50) A rapariga entrou na livraria. *Contudo é que ela saiu sem encontrar o livro que queria.

²⁶ Sobre advérbios avaliativos, leia-se Costa (2008a, 54-60).

Sendo advérbios conectivos, podem aparecer em posição inicial de frase, como se ilustra em (51), em posição final, como exemplificado em (52), e em diversas posições intermédias, como entre o sujeito e o predicado, em (53), entre o verbo e um complemento, como em (54), ou entre uma conjunção²⁷ e uma estrutura oracional não finita, como em (55).

(51) A rapariga entrou na livraria. Contudo, ela saiu sem encontrar o livro que queria.

(52) A rapariga entrou na livraria. Ela saiu sem encontrar o livro que queria, contudo.

(53) A rapariga entrou na livraria. Ela, contudo, saiu sem encontrar o livro que queria.

(54) A rapariga entrou na livraria. Ela saiu sem encontrar, contudo, o livro que queria.

(55) A rapariga entrou na livraria. Ela saiu sem, contudo, encontrar o livro que queria.

Outro argumento a favor da distinção entre estes conectores e conjunções é o facto de estes poderem co-ocorrer com palavras que são inequivocamente conjunções, como *e*, de acordo com (56).

(56) A rapariga entrou na livraria e, contudo, saiu sem encontrar o livro que queria.

Aliás, a co-ocorrência entre conjunções e advérbios conectivos é facilitadora da estruturação de macro-unidades textuais. No exemplo (57), um excerto de uma sequência argumentativa, a locução adverbial conectiva *no entanto* estabelece contraste com a informação textual anterior, ao passo que a locução conjuncional concessiva *apesar de* estabelece contraste no domínio frásico que encabeça.

²⁷ Ainda que as gramáticas tradicionais e as pedagógicas classifiquem *sem* como preposição, o facto de este conector introduzir constituintes oracionais e o facto de induzir próclise conferem-lhe um estatuto de conjunção:

(i) O João cumprimentou a Maria sem se levantar do sofá.

A distribuição de *sem* e o estatuto híbrido, entre preposição e conjunção, são semelhantes aos de *para*. Note-se ainda que, tal como no par *para / para que*, a conjunção *sem* coexiste com a locução conjuncional *sem que*, que selecciona orações finitas.

(57) **No entanto, apesar de ser acusada de causadora de todos os males do mundo moderno, a tecnologia é, na realidade, a melhor arma da Humanidade contra a poluição, que tantas vezes se nos apresenta como o preço do progresso.**

Jacques-Yves Cousteau, «Segredos do Mar, o Mundo Fascinante dos Oceanos e das Ilhas»,
Seleções Reader's Digest, Julho de 1978 (o negrito é meu)

Como já se referiu, a tradição gramatical erudita não tem ignorado que há palavras que, embora classificadas como conjunções, não apresentam um funcionamento típico de conjunções. No capítulo sobre *conjunções coordenativas*, em Cunha e Cintra (1984, 577-578), os autores dedicam uma secção à «*posição das conjunções coordenativas*», na qual descrevem a mobilidade de alguns dos supostos elementos das subclasses das conjunções coordenativas adversativas e conclusivas.

Na *Moderna Gramática Portuguesa*, Bechara trata os conectores antes listados como *unidades adverbiais que não são conjunções coordenadas*, acabando por referir estas unidades como advérbios, como se pode ler no seguinte comentário: «*[l]evada pelo aspecto de certa proximidade de equivalência semântica, a tradição gramatical tem incluído entre as conjunções coordenadas certos advérbios que estabelecem relações inter-oracionais ou intertextuais. É o caso de pois, logo, portanto, entretanto, contudo, todavia, não obstante. Assim, além das conjunções coordenadas já assinaladas, teríamos as explicativas (pois, porquanto, etc.) e conclusivas (pois [posposto], logo, portanto, então, assim, por conseguinte, etc.), sem contar contudo, entretanto, todavia que se alinham junto com as adversativas*» (Bechara: 1999, 322-323). Na mesma gramática, sublinha-se que esta distinção não acarreta qualquer inovação, por estar já consagrada na tradição gramatical: «*[n]ão incluir tais palavras entre as conjunções coordenadas já era lição antiga na gramaticografia de língua portuguesa; vemo-la em Epifânio Dias e, entre brasileiros, em Maximino Maciel, nas últimas versões de sua Gramática. Perceberam que tais advérbios marcam relações textuais e não desempenham o papel conector das conjunções coordenadas, apesar de alguns manterem com elas certas aproximações ou mesmo identidades semânticas*» (*ibidem*).

Paralelamente, nos estudos linguísticos, têm sido adoptadas análises em que se tratam estes elementos ora como advérbios, ora como conectores (Costa: 2006, 47-63; Costa: 2008a, 60-63; Matos: 2003, 566, e.o).

A consulta de prontuários também evidencia que a consciência da distinção entre conjunções e advérbios não é novidade nos instrumentos normativos. Na representação gráfica da língua, o uso de conjunções coordenativas surge inevitavelmente associado a regras de uso de vírgula, sendo os conectores adversativos e os conclusivos, que têm um funcionamento distinto do de conjunções típicas, objecto de regras específicas de pontuação, muitas associadas à posição que ocupam na frase. A este propósito, leia-se, por exemplo, a «observação» de Bergström e Reis (1999, 47): «Quando a conjunção não inicia a oração, mas ocorre intercalada, deve isolar-se por vírgulas:

Foi um período difícil. Os pais, porém, nunca o abandonaram.

Não seremos exaustivos. Muitos casos particulares ficarão, portanto, de fora».

A necessidade de um ensino explícito das diferenças entre conjunções e conectores adversativos e conclusivos para o domínio de regras de uso de vírgula tem sido, aliás, um argumento forte a favor da didactização da classe dos advérbios conectivos (Costa: 2008b).

A par destes advérbios conectivos, que se alinham no paradigma dos adversativos, com valor semântico básico contrastivo de oposição, de acordo com o quadro 1 (página 50), outros advérbios e locuções adverbiais conectivos, como *agora*, *já*, *ora*, operam contraste antitético, e outras locuções adverbiais conectivas, como *ainda assim*, *mesmo assim*, *no entanto*, estabelecem conexões com valor específico de contraste concessivo (Duarte: 2003, 98 e 105). Estas locuções podem ser substituídas pelos conectores *porém*, *todavia*, *contudo*, *no entanto*, do mesmo modo que a conjunção adversativa *mas* pode ser comutada por conjunções e locuções concessivas factuais, como, por exemplo, *embora* e *apesar de*. Que a operação de substituição lexical, na fase de textualização, durante o processo de escrita, possa ser accionada entre conectores adversativos e concessivos, com consequências ao nível da diversidade lexical, da fluência sintáctica e da diversidade de matizes semânticos é crucial para o entendimento do papel da gramática na construção de textos.

3.1.2.4. Subordinadas adverbiais concessivas²⁸

A equivalência semântica entre adversativas e concessivas é reconhecida por vários autores (Brito: 2003; Brito e Lopes: 2001; Lobo: 2003; Lopes: 1971; 1983; 1989;

²⁸ Parte dos resultados apresentados nesta secção foram previamente publicados em Costa (2005) e em Costa (2007).

Flamenco García: 1999; Peres: 1997; Rudolph: 1996; Varela: 2000, e.o.), para diferentes línguas, a par da identificação de uma série de propriedades sintáticas e discursivas, com consequências nos matizes da interpretação semântica que distinguem estas duas construções.

De um ponto de vista semântico, na *Gramática Simbólica*, Óscar Lopes sublinha a proximidade entre adversativas e concessivas, ao afirmar que: «*Temos também reservado até agora o tratamento simbólico das orações adversativas e concessivas, devido à complexidade relacional e quantificativa que apresentam. A primeira observação a fazer a seu respeito é a de que um período com uma oração adversativa se transforma facilmente noutra equivalente com oração concessiva: «choveu, mas veio» equivale sensivelmente a «veio, embora chovesse», com troca, no par de orações assim ligadas, da conjunção adversativa de uma oração pela conjunção concessiva da outra, além de uma alteração aparentemente modal sem importância semântica»* (Lopes: 1971, 237).

A defesa desta ideia é mantida em Lopes (1983), artigo no qual o autor destaca que «*uma das facetas mais óbvias das construções concessivas consiste na larga possibilidade de as parafrasear por construções adversativas (...)*». Já em Lopes (1989, 1-2) a referência à equivalência semântica surge modalizada pelo advérbio «razoavelmente», no seguinte excerto: «*Como ponto de partida, notemos que entre gramáticos da língua inglesa e de outras, nomeadamente na gramática já clássica de Quirk et alii. (1972), vinga uma concepção estrita de oração concessiva que assenta no tipo factual representado pela construção portuguesa (1):*

(1) *Embora tenha chovido, o João saiu*

que contracena com a oração adversativa razoavelmente equivalente (2):

(2) *Choveu, mas o João saiu.*

De acordo com as descrições de Óscar Lopes, a transformação de que resulta a equivalência mais legítima entre adversativas e concessivas implica a troca da conjunção adversativa pela conjunção concessiva no par de orações, ideia que é secundada por outros autores, como Rudolph (1996). Como se pode perceber pelos exemplos do linguista, em certos contextos frásicos, a troca das conjunções envolve a alteração de ordem das proposições, como em (58) e (59).

(58) *Choveu, mas veio.*

(59) *Veio, embora chovesse.*

Em outros contextos frásicos, os exemplos de Óscar Lopes ilustram a possibilidade de a troca de conjunções se dar sem que seja necessária a alteração da ordem das proposições, sendo a oração adversativa directamente transformada em concessiva, como em (60) e (61)²⁹.

(60) *O João vai sair, embora chova.*

(61) *O João vai sair, mas chove.*

A propósito destes exemplos, Óscar Lopes (1983, 178) sublinha que (60) não é em todos os contextos equivalente a (62)³⁰, dado que, do ponto de vista da comunicação ou da informação, a «ordem dos sintagmas não pode ser arbitrária» Lopes (*ibidem*).

(62) *Embora chova, o João vai sair.*

Ainda relativamente à manutenção da conjunção concessiva na mesma proposição que a adversativa, como nos exemplos (60) a (62), a consideração de construções como a apresentada em (63) conduz à conclusão de que, pelo menos em alguns casos, se verifica que a reversibilidade antes observada é uma impossibilidade semântica, se se aceitar que (65) é uma paráfrase menos adequada de (63) do que (64).

(63) *A Maria é pobre, mas é feliz.*

(64) *Embora a Maria seja pobre, é feliz.*

(65) *#Embora seja feliz, a Maria é pobre.*

Outro argumento favorável à proximidade semântica entre adversativas e concessivas é apresentado por Varela (2000, 10), ao afirmar que a perspectiva por si adoptada «*permitirá a consideração de proposições implícitas, que parecem ser*

²⁹ Exemplos (5) e (2), respectivamente, de Lopes (1983, 178).

³⁰ Exemplo (3) de Lopes (*ibidem*).

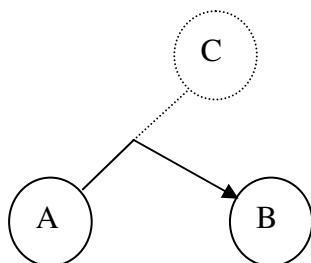
induzidas tanto por um tipo de estrutura como pelo outro. Esta será, de facto, a sua principal característica comum, ou seja, considera-se que ambas transmitem sempre uma proposição implícita – um implicado ou implicatura convencional». Lina Varela explica esta perspectiva, traduzindo em cálculo proposicional os dois exemplos seguintes:

(66) *A Maria casou há cinco anos, mas não tem filhos.*³¹

(67) *Embora a Maria tenha casado há cinco anos, não tem filhos.*³²

Segundo a autora a interpretação comum do conteúdo proposicional das duas frases decorre da existência de uma terceira proposição, implícita, que equivale a «*casar implica não ter filhos*», ou seja, casar implica ter filhos. Esta proposição pertence a um Sistema de Crenças (*Belief System*), partilhado pelo locutor e pelo interlocutor, e entra em contraste com a realidade.

A defesa da existência de um valor semântico comum a adversativas e a concessivas – o valor de contraste -, que inclui conectores e construções com diferentes matizes de sentido, uns decorrentes de efeitos discursivos (Lopes: 1989), outros, eventualmente, da especificidade dos conectores (Flamenco García: 1999)³³ sai reforçada pela proposta de Rudolph (1996), num estudo que até prima por destacar as diferenças entre adversativas e concessivas. Segundo a proposta desta autora, é possível formalizar uma *contrastive indication mark*, que se explica da seguinte forma: «*My suggestion is an indication mark suitable for evoking the idea of contrast. It may be compared with a sort of pictogram standing for complex correlations and summarizing detailed explications*» (Rudolph: *idem*, 31). Em seguida, representa-se a *contrastive indication mark*.



³¹ Exemplo (15) de Varela (2000, 10).

³² Exemplo (16) de Varela (2000, 10).

³³ Apesar de apontar diferenças e semelhanças entre concessivas e adversativas, Flamenco García (1999, 3819-3821) argumenta a favor de diferenças semânticas entre estas construções, centrando-se na análise de construções com *pero* e *aunque*.

Esta representação aplica-se tanto a adversativas como a concessivas antepostas, sendo que A corresponde ao primeiro termo da coordenada, no caso da adversativa, ou à oração concessiva e B corresponde à oração adversativa ou à subordinante, no caso da concessiva. B é a proposição que marca um contraste em relação a A. A linha que liga A a C simboliza a pressuposição da proposição C, que não é expressa e, por isso, se assinala com um traço descontinuo. Segundo a autora, a proposição C representa o segundo termo de uma relação causal original, que não se concretiza, contrariamente às expectativas³⁴.

A par das afinidades semânticas apontadas, várias são as propriedades sintáticas que fundamentam a pertença das adversativas e das concessivas a classes distintas. Algumas destas diferenças estruturais, como a posição, têm consequências a nível discursivo, o que pode acentuar mais as distinções. Relativamente a estas distinções, as diferenças discursivas serão tidas em consideração no ponto 3.1.4. e as primeiras diferenças sintáticas foram já descritas na secção anterior, relativa a construções com *mas*: (i) os conectores concessivos não podem ser comutados com *mas* em contextos de estruturação de unidades suprafrásicas, como (32), (33) e (34), em particular quando se trata de mudança de tópico conversacional e (ii) os conectores concessivos dificilmente substituem *mas* em construções de Despojamento, como (68) vs. (69), e não podem ocorrer em configurações de Contraste Sintagmático, como (70) vs. (71) (Matos e Prada: 2005).

(68) O Pedro não saltou para a piscina, mas o João sim.

(69) ?/*O Pedro não saltou para a piscina, embora o João sim.

(70) O Afonso não gosta de gelado de morango, mas sim de chocolate.

(71) *O Afonso não gosta de gelado de morango, embora sim de chocolate.

³⁴ Em Ducrot (1972, 128 e ss.), apresenta-se uma perspectiva semelhante, considerando que o contraste expresso por *mas* advém de existir uma proposição «r» que seria a esperada, mas que não se efectiva porque é «q» (a proposição antecedida de *mas*), que ocorre numa relação 'p mais q'.

Outras dissemelhanças, apontadas por Lobo (2003), decorrem das propriedades que permitem distinguir coordenação de subordinação. Assim, o confronto entre (72) e (73) remete para a mobilidade de subordinadas adverbiais e a comparação entre (74) e (75) mostra que os subordinadores concessivos são proclisadores.

- (72) a. O país precisa de helicópteros, mas o Governo comprou submarinos.
b. *Mas o Governo comprou submarinos, o país precisa de helicópteros.
c. O país,*mas o Governo comprou submarinos, precisa de helicópteros.

- (73) a. Embora o país precise de helicópteros, o Governo comprou submarinos.
b. O Governo comprou submarinos, embora o país precise de helicópteros.
c. O Governo, embora o país precise de helicópteros, comprou submarinos.

(74) O Afonso não gostou do gelado de morango, mas comeu-o todo.

(75) O Afonso não gostou do gelado de morango, embora o tenha comido todo.

Os exemplos em (76) e (77) ilustram a possibilidade de se coordenarem subordinadas, como as concessivas, ao contrário do que se passa com estruturas de coordenação, neste caso, adversativas.

(76) A Ana foi à escola embora estivesse constipada e apesar de estar frio.

(77) *A Ana foi à escola, só que estava constipada e mas estava frio.

Para a descrição do conjunto de estruturas consideradas conexões concessivas, podem assumir-se diferentes critérios. Flamenco-García (1999) distingue dois grandes grupos de concessivas: as «concessivas próprias», que são estruturas oracionais cujo nexos é operado por uma conjunção, a qual expressa um valor concessivo estrito, e as «concessivas impróprias», que incluem operadores de concessão não conjuncionais e, também, estruturas com conectores que expressam valores condicionais-concessivos.

Assumindo critérios estruturais, Lobo (2003) analisa as concessivas enquanto subordinadas adverbiais periféricas, estabelecendo uma distinção entre duas subclasses:

as concessivas de enunciado e as de enunciação. Esta distinção tem em consideração a menor coesão que as últimas apresentam em relação à frase que modificam.

A identificação de um conjunto de adverbiais estruturalmente ainda mais periférico é um facto consagrado em outros estudos (Flamenco-García (1999); Quirk *et al.* (1985), e.o.), o qual se atesta na agramaticalidade dos enunciados em (78), devida à falta de coesão temporal³⁵, que contrasta com o sistema de articulação temporal mais livre de concessivas de enunciação, como as apresentadas em (79).

(78) a. *Estive à tua espera, embora passe da meia-noite.

b. *Estarei à tua espera, embora tivesse passado da meia-noite.

(79) a. Estive à tua espera, embora não acredites no que digo.

b. Estarei à tua espera, embora não tivesses acreditado no que disse.

Lobo (2003) e Quirk *et al.* (1985) mostram também que enunciados como os de (80) evidenciam ter um estatuto distinto de coesão referencial, no que respeita à repetição de um DP, que é mais aceitável em concessivas de enunciação, como em (81), do que em concessivas de enunciado, como em (80), em que é preferível a sua substituição por um referente pronominal.

(80) a. O Pedro gostou da minha aula, embora a matéria não fosse muito do seu agrado.

b. ??O Pedro gostou da minha aula, embora a matéria não fosse muito do agrado do Pedro.

(81) a. O Pedro gostou da minha aula, embora eu não me preocupe com a sua opinião.

b. O Pedro gostou da minha aula, embora eu não me preocupe com a opinião do Pedro.

A propósito destas estruturas de subordinação adverbial mais periféricas dentro do grupo das adverbiais periféricas, Lobo (2003, 156) lembra que têm sido por vezes

³⁵ A mencionada falta de coesão temporal não decorre apenas dos tempos verbais seleccionados. A agramaticalidade de (78) justifica-se por as frases conectadas se situarem em esferas temporais diferentes, estando a matriz, em a., ou a subordinada, em b., localizadas no passado, o que exige articulação de tempo no passado, na frase complexa. Contudo, é possível ter enunciados coesos, com tempos diferentes, do futuro e do presente, na matriz e na subordinada:

(i) Estarei à tua espera, embora passe da meia-noite.

designadas como «*speech-act modifiers*». Do ponto de vista pragmático-discursivo, as concessivas de enunciação, ao implicarem uma declaração enunciada pelo falante sobre a situação de enunciação, assumem uma função semântica semelhante à de advérbios orientados para a enunciação, podendo funcionar como estratégia de explicitação de pontos de vista, bastante relevante na estruturação de discurso argumentativo.

Entre as concessivas de enunciado finitas, identificam-se dois formatos sintáctico-semânticos, descritos para o português em Brito (2003), Lobo (2003) e Varela (2000): as concessivas factuais (ou reais), como (82) e (83), e as concessivas com valor condicional (ou incondicionais, ou condicionais-concessivas), que serão objecto de análise na secção seguinte³⁶. Em (82), exemplifica-se uma concessiva factual do presente, enquanto em (83) se ilustra uma concessiva factual do passado.

(82) Embora esteja a chover, o Pedro sai à noite.

(83) Embora estivesse a chover, o Pedro saiu à noite.

Para além das concessivas de enunciado finitas, há um conjunto de concessivas de enunciado não finitas, nas quais se incluem as concessivas cujos conectores se constroem com infinitivo e as orações participiais e gerundivas introduzidas por um conector concessivo³⁷.

As frases concessivas construídas com *apesar de*, *pese embora*, *malgrado e não obstante* são infinitivas, como se observa em (84). É de notar que a locução *não obstante* pode funcionar como uma locução adverbial conectiva, em contextos como (85).

(84) Apesar de / pese embora / malgrado / não obstante o problema gerar muita polémica, tudo se resolverá.

- (85) a. O problema gerou muita polémica, mas o director, não obstante, considera que se trata apenas de uma situação pontual.
- b. O problema gerou muita polémica, mas o director considera, não obstante, que se trata apenas de uma situação pontual.

³⁶ Para a análise destas concessivas com valor condicional, leia-se Flamenco García (1999); Lobo (2003); Lopes (1983; 1989); Peres *et al.* (1999) e Varela (2000), e.o.

³⁷ Brito (2003) inclui estas orações participiais e gerundivas no elenco de outros meios linguísticos para exprimir a concessão.

Como se constata em (86), os mesmos conectores que introduzem infinitivas participam em construções nominais de valor igualmente concessivo.

(86) Apesar de / pese embora/ malgrado / não obstante a situação gerada pelo problema, tudo se resolverá.

O contraste entre (87) e (88) mostra que os conectores das infinitivas não podem introduzir gerundivas, ao contrário dos conectores que participam em orações finitas, o que reforça a distinção entre infinitivas e gerundivas quanto a propriedades de natureza nominal.

(87) Embora / muito embora / ainda que auxiliando os agricultores nas colheitas, o Governo prefere importar tomates espanhóis.

(88) *Apesar de / *pese embora / *malgrado / *não obstante auxiliando os agricultores nas colheitas, o Governo prefere importar tomates espanhóis.

Uma particularidade das gerundivas é o facto de conectores como *embora* e *muito embora* poderem ocupar a posição pós-verbal, de acordo com (89), sem que, contudo, tenham a distribuição de advérbios conectivos, como se verifica em (90). Já a marginalidade de (91) mostra que esta posição não é aceitável em participiais.

(89) Auxiliando embora / muito embora os agricultores nas colheitas, o Governo prefere importar tomates espanhóis.

(90) *Auxiliando os agricultores embora / muito embora nas colheitas, o Governo prefere importar tomates espanhóis.

(91) *Ajudados embora / muito embora pelas autoridades, os agricultores não conseguem produzir mais.

Relativamente a conectores disponíveis para introduzir orações participiais, verifica-se que, opostamente ao que acontecia com infinitivas e gerundivas, parece haver menos restrições³⁸, como se ilustra em (92):

(92) Embora / muito embora / ainda que / apesar de ajudados pelas autoridades, os agricultores não conseguem produzir mais.

No elenco de orações concessivas participiais e gerundivas, importa ainda referir estruturas de modificação adverbial, como as apresentadas em (93) e (94), nas quais *mesmo* é um operador do valor contrastivo.

(93) Mesmo auxiliando os agricultores, o governo prefere importar tomates espanhóis.

(94) Mesmo terminadas as colheitas, os agricultores continuam pobres.

Em ambos os exemplos acima, as concessivas iniciadas por *mesmo* têm valor factual. Em outras configurações sintáctico-semânticas, este conector, como mostram Peres *et al.* (1999), evidencia ser plurifuncional, operando valores de condicionais-concessivas. O vasto leque de matizes semânticos associados às construções contrastivas e às concessivas, em particular, e a plurifuncionalidade de conectores como *mesmo* e *ainda que* são objecto de descrição e análise na secção seguinte.

3.1.3. Especificidade semântica na argumentação

Retomando o quadro 1 (página 50), cujo elenco de conectores não é exaustivo, contendo apenas os mais frequentes, observa-se que, ainda assim, a quantidade de conectores nele incluídos evidencia que são muitas as opções disponíveis no léxico para expressar contraste. Apesar da contiguidade semântica dos itens lexicais agrupados neste quadro, existem especificidades da distribuição e do funcionamento de cada um que os tornam particularmente úteis na estruturação de sequências argumentativas. Em

³⁸ Note-se, porém, que alguns conectores em estruturas participiais são menos aceitáveis:

(i) ??Pese embora / *malgrado ajudados pelas autoridades, os agricultores não conseguem produzir mais.

primeiro lugar, saliente-se que, embora se esteja a assumir que adversativas, concessivas e contrastivas de *enquanto (que)* enunciam um valor de contraste, este valor comum inclui uma diferenciação básica tripartida entre *oposição, contraposição e concessão*.

O recurso a estes três matizes pode ser conseguido através da manipulação da plurifuncionalidade de conectores estruturalmente e semanticamente complexos, como *mas*, ou pode ser garantido pela selecção de conectores especializados em cada valor, como *enquanto* e *embora*. Ao contrário do modo oral, cujo processo de selecção lexical legitima repetições (Castilho: 1998), no modo escrito, a repetição reiterada e não intencional de um mesmo item lexical, seja com o mesmo valor semântico, seja com sentidos distintos, é sintoma de uma escrita menos proficiente (Menyuk: 1987; Menyuk e Brisk: 2005). Neste sentido, o conhecimento e o uso das potencialidades semânticas de cada conector são aspectos relevantes de uma gramática para a escrita.

3.1.3.2. Contrastivas factuais e condicionais-concessivas

Além dos três matizes semânticos a partir dos quais se estruturou o quadro 1 (página 50), os conectores contrastivos podem ser associados a interpretações factuais e a interpretações condicionais. Relativamente a factualidade, este é o valor de coordenadas adversativas e de subordinadas contrastivas, que se constroem com indicativo, e de subordinadas concessivas canónicas, cujas conjunções, pelo menos num enquadramento estritamente normativo, não seleccionam indicativo, mas infinitivo (*apesar de, não obstante*) ou conjuntivo (*embora, ainda que, se bem que*).

Ainda que em outros estádios da língua pareça ter existido alguma opcionalidade, na norma da língua, entre conjuntivo e indicativo, pelo menos em concessivas factuais, atendendo ao que é dito por Epiphanyo Silva Dias, na *Syntaxe Historica Portuguesa*, na norma contemporânea, as conjunções concessivas finitas seleccionam conjuntivo. No entanto, alguns dados de produção, com particular destaque para os escritos, pelo grau de correcção e formalidade a que deviam corresponder, parecem indiciar a existência de resíduos de indicativo em concessivas factuais, em particular com a locução *se bem que*, como se atesta em (95)³⁹.

³⁹ A par de um caso como o do exemplo (95), sentido como marginal pelos falantes da norma culta, construções com *mesmo quando, ainda quando* e *até quando*, com selecção de indicativo, podem ter um valor semântico próximo do de concessivas, envolvendo interpretação pressuposicional. A considerar estas construções no elenco das contrastivas, note-se ainda que têm uma leitura inclusiva, como se exemplifica em (i):

(95) *Se bem que os sindicatos nem sempre conseguem atingir todos os seus objectivos, a história tem mostrado que (...)*

(“Sup” *Jornal da Fenprof*, N.º51)

Relativamente aos valores semânticos de diferentes conectores concessivos, a leitura do quadro 2 (páginas 51 a 53) confirma que a maioria das classificações referidas reconhece a relevância da distinção entre conectores concessivos que integram enunciados factuais, nas concessivas *stricto sensu*, e conectores com valor condicional ou *de caso suposto* ou *incondicional* ou *condicional-concessivo*. Considerando apenas os de uso mais frequente, são conectores concessivos típicos de frases finitas com valor factual os que ocorrem em (96) e (97). Conectores típicos de condicionais-concessivas são exemplificados em (98) a (101), com valor hipotético, e em (102) a (105), com valor contrafactual. Os paradigmas incluem exemplos de predicados menos dinâmicos (como *estar doente*) e de predicados dinâmicos (como *estudar*) na adverbial concessiva.

(96) Embora o João esteja doente, vai à aula de natação.

(97) Embora o João estude bastante, não consegue ter positiva no teste.

(98) Mesmo que o João esteja doente, vai (certamente) à aula de natação.

(99) Mesmo que o João estude bastante, não consegue positiva no teste.

(100) Mesmo se o João estiver doente, vai (certamente) à aula de natação.

(101) Mesmo se o João estudar bastante, não consegue positiva no teste.

(102) Mesmo que o João tivesse estado doente, teria ido à aula de natação.

(103) Mesmo que o João tivesse estudado bastante, não conseguiria positiva no teste.

(i) Gosto de ler, mesmo quando estou cansada.

(104) Mesmo se o João tivesse estado doente, não teria ido à aula de natação.

(105) Mesmo se o João tivesse estudado bastante, não conseguiria positiva no teste.

Além das locuções *mesmo que* e *mesmo se*, especializadas nos valores de condicionais-concessivas, o quadro 2 mostra que alguns autores consideram outros conectores como operadores destes valores. Aliás, vários autores (Flamenco García (1999); Lobo (2003); Lopes (1989); Peres *et al.* (1999); Quirk *et al.* (1972); Varela (2000), e.o.) adoptam uma distinção de três subclasses semânticas de condicionais-concessivas, as quais assinalam três interpretações diferentes deste subtipo de enunciados condicionais: as escalares, exemplificadas em (106), as universais, em (107) e as alternativas, em (108).

(106) Mesmo que faça frio amanhã, visto o meu vestido de seda.

(107) Qualquer que seja o estado do tempo amanhã, visto o meu vestido de seda.

(108) Quer faça frio, quer faça calor amanhã, visto o meu vestido de seda.

A condicional-concessiva universal, em (107), é construída com uma expressão que envolve uma leitura de quantificação universal (*Qualquer que seja*). Já a condicional-concessiva alternativa, em (108), corresponde a um tipo de estrutura de coordenação, tradicionalmente aditiva. Estes dois últimos tipos de configuração sintáctica são considerados, em algumas gramáticas, meios alternativos para expressar condicionalidade concessiva, sendo classificados como «concessivas impróprias» (Flamenco García: 1999) ou como «outras formas de exprimir a concessão» (Brito: 2003).

O quadro 3 sintetiza a distribuição não complementar, relativamente à oposição dos valores factual *vs.* não-factual, dos conectores conjuncionais concessivos mais comuns e sistematiza a selecção têmporo-modal na adverbial concessiva.

Quadro 3 – Conectores concessivos e valores semânticos⁴⁰

CONECTORES CONCESSIVOS	VALORES		
	FACTUAL	NÃO FACTUAL	
		Hipotético	Contrafactual
embora, se bem que	✓ (+ Pres. Conj.) ✓ (+ Perf. Conj.) ✓ (+ Imp. Conj.) ✓ (+M-q-P. Conj.) ✓ (+Part.) ✓ (+ Ger.)	✗	✗
apesar de, não obstante	✓ (+ Inf.)	✗	✗
mesmo que	✗	✓ (+ Pres. Conj.) ✓ (+ Perf. Conj.) ✓ (+ Imp. Conj.)	✓ (+M-q-P. Conj.) ✓ (+ Imp. Conj.)
mesmo se	✗ ⁴¹	✓ (+ Fut. Conj.) ✓ (+ Imp. Conj.)	✓ (+M-q-P. Conj.) ✓ (+ Imp. Conj.)
ainda que ⁴²	✓ (+ Pres. Conj.) ✓ (+ Perf. Conj.) ✓ (+ Imp. Conj.) ✓ (+Part.) ✓ (+Ger.)	✓ (+ Pres. Conj.) ✓ (+ Imp. Conj.) ✓ (+Ger.)	✓ (+M-q-P. Conj.) ✓ (+ Imp. Conj.) ✓ (+Part.) ✓ (+Ger.)

3.1.3.2. Plurifuncionalidade de *ainda que*

A leitura do quadro 3 torna evidente a especialização semântica da maioria dos conectores num dos valores, factual ou condicional, o que contrasta com a plurifuncionalidade da locução *ainda que*. De facto, na literatura sobre este assunto, mesmo em trabalhos que têm em consideração a distinção entre concessivas canónicas e condicionais-concessivas, nem sempre existe uma classificação consensual da locução *ainda que*. Por exemplo, Brito (2003) apresenta *ainda que* num exemplo factual e refere apenas *mesmo que* e *mesmo se* como exemplos de conectores típicos de condicionais-concessivas; ao contrário, Lobo (2003) inclui *ainda que* entre os conectores das condicionais-concessivas, seguindo a análise de Peres *et al.* (1999),

⁴⁰ Para o confronto com outros quadros com informação relativa a tempo e modo na concessiva e na principal e relação destes aspectos com valores semânticos de diferentes conectores, consulte-se Varela (2000, 104-120).

⁴¹ Ao contrário de Varela (2000), não estão a ser considerados dados de produção de concessivas de *mesmo se* (ou de *inclusive se*) com indicativo e valor factual, uma vez que o recurso a este modo na concessiva requer uma análise mais demorada e, inclusivamente, uma descrição mais ampla, que incluía, então, outras sequências de conectores como *até se* ou *ainda se*.

⁴² Salvaguarda-se que não são os tempos verbais que determinam a plurifuncionalidade de *ainda que* (secção 3.1.3.2.).

artigo no qual se aborda principalmente o estatuto incondicional dos enunciados com *ainda que*. Contudo, é neste artigo e, primeiramente, em Epiphânio Silva Dias (1917) e Lopes (1989) que se encontra referência à ambiguidade de *ainda que*.

Lopes (*idem*), tentando superar as insuficiências da descrição tradicional no tratamento dos três valores semânticos de concessivas, propõe a formulação de uma análise em termos de cálculo proposicional. Ao fazê-lo, na descrição dos dados, dá conta do estatuto ambíguo de *ainda que*, através da apresentação dos exemplos (109) a (111), que, segundo o autor, põem em contraste a factividade do primeiro, a potencialidade do segundo e a contrafactualidade eventual do terceiro:

(109) *O João saiu, ainda que choveu muito*⁴³.

(110) *O João sai (sairá), ainda que chova muito.*

(111) *O João saía (sairia), ainda que chovesse muito.*⁴⁴

Entre outros casos de operadores de diferentes valores, como o *se* de diferentes subclasses de condicionais, este autor atribui a *ainda que* um *super-valor* (Van der Auwera *apud* Lopes: 1989), i.e., um valor que envolve indeterminação entre valor real e valor potencial mais ou menos provável.

Na proposta de classificação (e levantamento de domínios de investigação) de condicionais em português, Peres *et al.* (1999) analisam *ainda que* entre os operadores que constituem casos de ambiguidade. Na sequência da análise de *even if*, de Köning (1986), os autores mostram que o mesmo tipo de ambiguidade pode ser encontrado no português com *ainda que* e, igualmente, com o operador *mesmo* e com gerúndio. Em relação à interpretação incondicional de *ainda que*, afirmam os mesmos autores que «*ela parece ser geralmente preferida nas estruturas com presente do indicativo na oração principal e presente do conjuntivo na oração subordinada (...)*» (Peres *et al.*: 1999, 647). No mesmo artigo, a par de um exemplo de interpretação «*incondicional*» preferencial, retomado em (112), ilustra-se a existência de estruturas frásicas com as

⁴³ Note-se que a selecção de indicativo, que Lopes (1989, 197) justifica pela factualidade do pretérito perfeito, será considerada marginal pela maioria dos falantes da norma culta do PE mais recente; contudo, Silva Dias (1917, 210 e 280) refere a possibilidade de conjunções e locuções concessivas (excepto *embora*) seleccionarem indicativo em frases com valor *de realidade*. Será eventualmente este um exemplo disso.

⁴⁴ Exemplos de Lopes (1989, 194).

condições indicadas e com leitura «*não incondicional possível ou obrigatória*», segundo os autores, de acordo com os exemplos (113) e (114), retirados do mencionado artigo.

(112) *O Paulo não consegue acabar o relatório, ainda que trabalhe dia e noite.*

(113) *O Paulo não consegue acabar o relatório, ainda que esteja a trabalhar dia e noite.*

(114) *O Paulo não conseguiu acabar o relatório, ainda que tivesse trabalhado dia e noite.*⁴⁵

Em Varela (2000), procede-se a uma tentativa de relacionar o sistema de tempo, modo e aspecto verbal da frase subordinada e da principal com os valores semânticos operados por diferentes conectores concessivos. Apesar de a autora chegar a algumas conclusões interessantes sobre restrições de interpretação impostas por tempos verbais, a descrição exaustiva apresentada não é suficiente para se chegar a uma explicação e conclui-se ser necessário analisar outras condições estruturais. Em suma, se os autores referidos identificam a ambiguidade de *ainda que*, não explicam, no entanto, o facto de, em determinados contextos, a interpretação dos enunciados com esta locução poder ser ambígua entre factualidade e valores de condicionalidade, umas vezes com interpretações preferenciais decorrentes de factores a determinar, outras com interpretação categórica, com a opção por apenas uma das leituras, em função de condições por definir.

Relativamente à identificação das condições que determinam a interpretação de *ainda que* em contextos de ambiguidade ou de leitura categórica, defende-se que esta pode ser explicada através de uma análise que tenha em consideração (i) aspectos de interface com propriedades semânticas, como a interacção com aspecto lexical, e (ii) implicações pragmáticas, como a natureza do conhecimento contextual. A descrição das propriedades semânticas relevantes será feita tendo por referência a tipologia aspectual de Moens (1987), Moens e Steedman (1988) e a descrição de categorias aspectuais para o português europeu proposta em Oliveira (2003). Para além dos contextos de presente do conjuntivo, na subordinada, presente do indicativo, na frase principal, serão tidas em

⁴⁵ Exemplos 65, 66 e 67 de Peres *et al.* (1999, 647).

conta estruturas com imperfeito do conjuntivo e com imperfeito do indicativo, sendo estes os contextos potenciadores de ambiguidade entre os valores factual e hipotético.

Os predicados das concessivas de (115) a (117) representam eventos que pertencem a diferentes categorias aspectuais, sendo, por ordem de apresentação, um processo, um processo culminado e uma culminação. Nas frases a. e b. de cada exemplo, apresenta-se, a *itálico*, a paráfrase com um conector factual e com um conector condicional, respectivamente.

(115) Ainda que o João estude bastante, tem negativa nos exames de Sintaxe.

a. *Embora o João estude bastante, tem negativa nos exames de Sintaxe.*

b. *Mesmo que o João estude bastante, tem negativa nos exames de Sintaxe.*

(116) Ainda que o João escreva o relatório, a sua opinião não conta.

a. *#Embora o João escreva o relatório, a sua opinião não conta.*

b. *Mesmo que o João escreva o relatório, a sua opinião não conta.*

(117) Ainda que o João morra, não lhe perdoe.

a. *#Embora o João morra, não lhe perdoe.*

b. *Mesmo que o João morra, não lhe perdoe.*

Partindo da observação das paráfrases acima, verifica-se que a interpretação mais natural das concessivas com processos culminados e culminações é a hipotética. A interpretação factual torna-se, aliás, bastante degradada em (117), com uma culminação. Esta primeira observação permite concluir que restrições relativas ao tipo aspectual de predicado podem condicionar a preferência por uma interpretação, sendo que apenas predicados de tipo processual mantêm um contexto de total ambiguidade. Nestes contextos de maior ambiguidade, importa perceber que condições podem conduzir à preferência por uma leitura factual ou por uma leitura hipotética.

A rescrita do exemplo (115) com a modificação adverbial do predicado reforça a ideia de que a opção por uma ou outra leitura pode resultar de processos de modificação aspectual.

(118) Ainda que o João habitualmente estude bastante, tem negativa nos exames de Sintaxe.

- a. *Embora o João normalmente estude bastante, tem negativa nos exames de Sintaxe.*
- b. *#Mesmo que o João normalmente estude bastante, tem negativa nos exames de Sintaxe.*

A marcação de aspecto habitual potencia a interpretação factual da concessiva em (118) e tem como consequência tornar a leitura hipotética pelo menos discursivamente estranha, dada a incoerência entre, por um lado, estado habitual no predicado da concessiva, valor do presente do indicativo na principal e, por outro, potencialidade eventual deste enunciado. Por outras palavras, o contexto de ambiguidade identificado em (115) é anulado pelo aspecto habitual, que condiciona a interpretação, tornando preferível a factualidade da concessiva.

Relativamente a estados, um exemplo como (119) mostra que a interpretação de concessivas nestes contextos é ambígua, tal como a do processo em (115), o que permite defender alguma semelhança entre estados e processos, decorrente da natureza homogénea e não delimitada de ambos, já referida na literatura (Oliveira: 2003).

(119) Ainda que o João esteja doente, vai à aula de natação.

- a. *Embora o João esteja doente, vai à aula de natação.*
- b. *Mesmo que o João esteja doente, vai à aula de natação.*

No entanto, nem todos os predicados de concessivas que representam estados têm uma leitura ambígua. O contraste entre (120) e (121) mostra que a distinção entre estados faseáveis, no primeiro exemplo, e não faseáveis⁴⁶, no segundo, é relevante para a identificação de outra condição em que a categoria aspectual do predicado determina a preferência por uma interpretação.

(120) Ainda que o João seja bruto, a Maria adora-o.

- a. *Embora o João seja bruto, a Maria adora-o.*
- b. *Mesmo que o João seja bruto, a Maria adora-o.*

⁴⁶ A proposta de classificação dos dois tipos básicos de estados, faseáveis e não faseáveis, deve-se a Cunha (1998).

(121) Ainda que o João seja canhoto, sabe pregar botões.

a. *Embora o João seja canhoto, sabe pregar botões.*

b. *#Mesmo que o João seja canhoto, sabe pregar botões.*

A óbvia preferência pelo valor factual da concessiva, em (121), encontra-se igualmente em estados em que ocorre um predicado de tipo *kind level*, como se pode observar em (122).

(122) Ainda que as baleias sejam uma espécie em extinção, os homens ainda as caçam.

a. *Embora as baleias sejam uma espécie em extinção, os homens ainda as caçam.*

b. *#Mesmo que as baleias sejam uma espécie em extinção, os homens ainda as caçam.*

Nos exemplos anteriores, em (115) a (122), consideraram-se frases complexas com um sistema temporal de presente (presente do conjuntivo na concessiva e presente do indicativo na principal). Neste contexto, verificou-se que a interacção com categorias aspectuais permitia a identificação de condições potenciadoras da marcação do valor a atribuir à concessiva.

Replicando as condições antes observadas, agora em enunciados com imperfeito do conjuntivo e imperfeito do indicativo, os exemplos seguintes contribuem com evidência para defender que propriedades aspectuais condicionam a interpretação de concessivas.

As paráfrases de (123) provam a existência de ambiguidade entre os valores factual e hipotético em concessivas introduzidas por *ainda que*, quando o verbo da subordinada está no imperfeito do conjuntivo, o da principal no imperfeito do indicativo e a situação descrita no predicado é um processo.

(123) Ainda que o João estudasse bastante, tinha negativa nos exames de Sintaxe.

a. *Embora o João (naquele tempo) estudasse bastante, tinha negativa nos exames de Sintaxe.*

b. *Mesmo que / mesmo se o João (amanhã) estudasse bastante, o que ainda pode fazer, tinha negativa nos exames de Sintaxe.*

À semelhança do que se observara em enunciados com presente do conjuntivo / presente do indicativo, com predicados cujo aspecto lexical é de processo culminado, em (124), e de culminação, em (125), a leitura factual torna-se improvável, sendo mais degradada neste último exemplo.

(124) Ainda que o João escrevesse o relatório, a sua opinião não contava.

a. *#Embora o João (naquele tempo) escrevesse o relatório, a sua opinião não contava.*

b. *Mesmo que / mesmo se João escrevesse o relatório, o que pode fazer amanhã, a sua opinião não contava.*

(125) Ainda que o João morresse, não lhe perdoava.

a. *#Embora o João morresse, não lhe perdoava.*

b. *Mesmo que / mesmo se João morresse, não lhe perdoava.*

Paralelamente ao resultado da modificação aspectual de (118), o exemplo (126) sustenta a ideia de que a modificação aspectual para uma leitura de habitualidade bloqueia a interpretação hipotética da concessiva.

(126) Ainda que o encontrasse na escola habitualmente, não lhe falava.

a. *Embora o encontrasse na escola habitualmente, não lhe falava.*

b. *#Mesmo que / mesmo se o encontrasse na escola habitualmente, o que pode acontecer, não lhe falava⁴⁷.*

A ambiguidade de estados reconhecida antes mantém-se, independentemente de o sistema temporal da frase complexa ser um sistema de presente, como em (119), ou de imperfeito, como em (127).

(127) Ainda que o João estivesse doente, ia à aula de natação.

a. *Embora o João estivesse doente, ia à aula de natação.*

b. *Mesmo que / mesmo se o João estivesse doente, ia à aula de natação.*

⁴⁷ Note-se que numa estrutura com o verbo modal no imperfeito, a leitura condicional torna-se viável:
(i) *Mesmo que / mesmo se o encontrasse na escola habitualmente, o que podia acontecer, não lhe falava.*

Com o sistema temporal no imperfeito, um estado não faseável no predicado da concessiva, como em (121), torna improvável o valor hipotético, deixando apenas disponível a leitura factual, como mostram as paráfrases de (128).

(128) Ainda que o João fosse canhoto, sabia pregar botões.

a. *Embora o João fosse canhoto, sabia pregar botões.*

b. *#Mesmo que / mesmo se o João fosse canhoto (naquele tempo), sabia pregar botões.*

Além da concorrência de condições aspectuais como as apresentadas para a fixação do valor da concessiva, outros factores⁴⁸, alguns já propostos em estudos sobre este assunto (Brito (2003), Varela (2000), Peres *et al.* (1999), e.o.), determinam a interpretação do valor de concessivas. As propriedades específicas dos tempos verbais, nas diferentes relações coesivas estabelecidas entre frase principal e subordinada, são uma condição determinante para a identificação de contextos em que o valor da concessiva é categoricamente não ambíguo. As frases (129) e (130) são condicionais-concessivas com o verbo da concessiva no mais-que-perfeito do conjuntivo e o da principal no imperfeito do indicativo ou no condicional, na primeira, e no mais-que-perfeito do indicativo ou no pretérito perfeito do condicional, na segunda. Ao contrário do que foi observado para as concessivas ambíguas entre os valores factual e hipotético (cf. (115), (119), (120), (123), e (127)), a coesão temporal destas frases complexas garante uma interpretação categórica, que, nestes casos, é contrafactual.

(129) Ainda que o João tivesse estudado bastante, tinha/teria negativa nos exames de Sintaxe.

a. *Mesmo que / mesmo se o João tivesse estudado bastante (mas não estudou), tinha/teria negativa nos exames de Sintaxe.*

(130) Ainda que o João tivesse estudado bastante, tinha/teria tido negativa nos exames de Sintaxe.

a. *Mesmo que / mesmo se o João tivesse estudado bastante (mas não estudou), tinha/teria tido negativa nos exames de Sintaxe.*

⁴⁸ Outras condições, como a interacção de qualquer conector concessivo com operadores de modalidade epistémica, para a marcação do valor hipotético, ficam por explorar neste capítulo.

Saliente-se que a leitura contrafactual de (129) e de (130) não decorre da selecção do mais-que-perfeito do conjuntivo na concessiva. Efectivamente, o que parece estipular as condições de interpretação da concessiva são os tempos verbais da frase principal e os valores a estes associados, de factualidade ou de não factualidade, como é comprovado pelas interpretações válidas para (131). A presença do pretérito perfeito do indicativo na frase principal, tempo verbal potenciador da factualidade (Lopes: 1989, e.o.), atribui à concessiva uma leitura marcada pelo valor factual.

(131) Ainda que o João tivesse estudado bastante, teve negativa nos exames de Sintaxe.

a. *Embora o João tivesse estudado bastante, teve negativa nos exames de Sintaxe.*

Nos pontos anteriores, foram identificados contextos em que a interpretação da concessiva é estritamente ambígua, dado que a informação linguística no domínio da frase complexa é insuficiente para haver uma opção por um valor. Exemplos disso são as frases (115) e (123), em que o predicado da concessiva é processual, e as frases (122), (120) e (127), com concessivas com estados tipicamente faseáveis. Nestes contextos, para a determinação da interpretação, propõe-se a existência de interacção com aspectos de natureza pragmática, como o conhecimento contextual e o conhecimento do mundo. Assim, se, de facto, a interpretação pode ser fixada por informações contextuais e se se sabe, no momento da enunciação, que (i) *o João está / estava a estudar bastante* (cf. (115) e (123)) e que (ii) *o João está / estava doente* (cf. (119) e (127)), a leitura é factual; ao contrário, se não há informação que permita aferir o valor de verdade da proposição da concessiva, a fixação do valor fica em aberto e a interpretação é hipotética.

3.1.4. Complexidade na estrutura informacional

O modo como a informação se organiza na estrutura textual está solidamente ancorado no tipo de estratégia sintáctica – hipotáctica ou paratáctica - seleccionada para a composição das unidades frásicas, dos períodos e dos parágrafos.

Diferentes autores têm feito propostas no sentido de atribuir efeitos discursivos a diferentes posições ocupadas por constituintes oracionais na frase complexa (Flamenco

García (1999); Ford e Thompson (1986); Lobo (2003); Lopes (1983; 1989); Matos e Prada (2005), e.o.). Se se atender à ordem pela qual as unidades oracionais se apresentam dentro da unidade maior que é a frase complexa ou o período, poder-se-á supor que, por analogia com os efeitos de ordem de palavras no domínio frásico, os efeitos discursivos de orações em posição inicial, intercalada ou final poderão ser diferentes. Concretamente, o tipo de informação veiculado por uma coordenada adversativa, que só pode ocorrer na posição final de frase, corresponderá a «informação nova», ao passo que o tipo de informação veiculado pela concessiva correspondente, tipicamente em posição inicial, corresponderá a «informação pressuposta», ou partilhada, no sentido de Flamenco García (1999).

Nesta ordem de ideias, se se retomar o esquema de transformação de uma adversativa numa concessiva, em (132) e (133), respectivamente, à equivalência semântica entre ambas as estruturas, reconhecida na secção 3.1.2.4., correspondem efeitos discursivos distintos decorrentes da posição em que são processadas, no contexto da frase complexa.

(132) O Zé vai com os amigos à praia, mas está a chover.

(133) Embora esteja a chover, o Zé vai com os amigos para a praia.

Nos dois exemplos, a informação processada como nova é diferente, sendo, no primeiro caso, «está a chover» e, no segundo, «o Zé vai com os amigos para a praia». A diferença discursiva em causa está associada ao facto de as concessivas envolverem uma pressuposição, no sentido em que o processamento da informação de uma concessiva antecipa a interpretação do que é contrário às expectativas, enquanto, no caso das adversativas, a interpretação contrastiva só é inferida após o processamento de todo o enunciado complexo. A este propósito, explica Flamenco García (1999, 3813): *«Así, en una construcción concesiva aunque impone el procesamiento del primer miembro como causa inoperante, introduciendo un contenido que podemos llamar supuesto; en cambio, en una construcción adversativa no se genera la inferencia de un modo inmediato, sino a partir del segundo miembro encabezado por pero, introduciéndose, en este caso, un contenido aseverado».*

Deste modo, seguindo a análise de Lobo (2003), também adoptada por Matos e Prada (2005) para a explicitação de diferenças discursivas entre adversativas e

concessivas, dado que as concessivas pertencem ao subconjunto de adverbiais periféricas, o tipo de informação veiculado pela subordinada em (135) será interpretado como informação *background*.

Comparem-se, agora, com (132) e (133), os exemplos seguintes, nos quais a concessiva se encontra em posições menos típicas de adverbiais periféricas: a posição final, em (134), e uma posição intercalada entre o sujeito e o predicado, em (135).

(134) O Zé vai com os amigos para a praia, embora esteja a chover.

(135) O Zé, embora esteja a chover, vai com os amigos para a praia.

A diferença percebida entre a informação «estar a chover» tal como se enuncia na adversativa, em (132), e na concessiva, em (134), poderá decorrer do facto de as concessivas, em posição final, ocuparem posições estruturalmente mais externas, podendo veicular informação com interpretação de tipo *after-thought*, hipótese que é sugerida por Lobo (2003, 195).

Finalmente, o exemplo (135) corresponde ao que já em Lopes (1983) se destaca como efeito discursivo decorrente da mobilidade de advérbios conectivos adversativos, como *todavia*. O facto de estes constituintes adverbiais – advérbios conectivos contrastivos e subordinadas adverbiais concessivas – poderem destacar discursivamente⁴⁹ outros constituintes da frase, ocupando posições intercaladas, funciona como uma estratégia que lhes confere proeminência discursiva.

O domínio de estruturas contrastivas diversificadas, em particular as de natureza adverbial, garante, durante o processo de escrita, na fase de textualização, a adopção de estratégias discursivas mais eficazes para se alcançarem os objectivos da escrita argumentativa. A mobilização destes recursos de língua depende do estágio de estabilização do conhecimento sintáctico e semântico envolvido, que deverá envolver um grau de consciência linguística que permita manipular, de forma mais ou menos intencional, esse conhecimento.

⁴⁹ Lopes (1983, 182) afirma que «[o] que deveras é importante é o seguinte: à excepção de *mas*, todas as conjunções adversativas mais ou menos se prestam a produzir efeitos de ordem comunicativa semelhantes aos das *clivagens* (...)»

3.2. Desenvolvimento linguístico tardio e circunscrição de problemas específicos de investigação

Na secção anterior, descreveram-se os recursos que a gramática da língua disponibiliza e que, mobilizados para situações de escrita, poderão garantir diversidade lexical, fluência sintáctica, especificidade semântica na argumentação e complexidade na estrutura informacional. Uma vez que, no Capítulo 2, se explicitara, como questão geral de investigação, a relação entre conhecimento da gramática e desenvolvimento da escrita, é chegado o momento de se esclarecerem as fronteiras desta relação. Não é, naturalmente, possível defender que o desenvolvimento da escrita depende integralmente do conhecimento explícito, sistematizado e formal, da totalidade das características das estruturas contrastivas analisadas em 3.1. Nesta como em outras situações de ensino da gramática e da escrita, estamos perante um paradoxo de ensino⁵⁰: quando as crianças começam a necessitar de usar discurso escrito de carácter argumentativo⁵¹, nas fases iniciais de aprendizagem da composição escrita, não detêm conhecimento explícito e metalinguístico das estruturas a que recorrem. Seguindo esta linha de raciocínio, a resposta à questão geral de investigação implica consciência deste paradoxo, por um lado, e uma clara definição dos conteúdos que são passíveis de ensino explícito e que são relevantes, face aos perfis de aprendizagem dos diferentes níveis de ensino e aos constrangimentos, principalmente temporais, dos programas de ensino⁵², por outro.

Contudo, à questão da circunscrição do conhecimento linguístico que deve ser tomado como conteúdo de ensino explícito sobrepõe-se uma questão prévia: não se pode desenvolver um trabalho de explicitação de aspectos do conhecimento linguístico sem que esse conhecimento linguístico esteja adquirido e esteja, pelo menos, num estágio de estabilização que envolva consciência linguística suficiente que garanta a

⁵⁰ Um exemplo claro deste paradoxo é o caso do uso de vírgulas. Quando as crianças, ainda no primeiro ciclo, começam a produzir quantidades de escrita compositiva que exige usos de vírgula correctos, ainda não têm o conhecimento explícito e metalinguístico relevante para compreender as convenções que estipulam este uso. A este propósito, leia-se Hall e Robinson (eds.) (1996).

⁵¹ Note-se que a necessidade de uso de sequências escritas de carácter argumentativo é independente da prescrição do ensino do texto de opinião; será activada sempre que o aluno, ainda no primeiro ciclo, tiver de defender pontos de vista, na resposta a questionários de leitura, por exemplo. O desenvolvimento da competência discursiva e textual (Coutinho: 2003) coexiste com o desenvolvimento de competências metalinguísticas e de escrita. Para informações sobre o desenvolvimento do conhecimento de género narrativo, leia-se Hickmann (2000).

⁵² Na secção 4.1.2.5., apresentam-se a contextualização, planificação e actividades da fase de intervenção didáctica.

possibilidade de produzir, compreender e manipular as estruturas cujo conhecimento se pretende ver construído. Ora, no caso das estruturas contrastivas, especialmente no que concerne concessivas, a investigação disponível localiza-as em estádios de aquisição e desenvolvimento tardios.

Na literatura sobre aquisição, existe bastante informação relativamente à aquisição de nexos semanticamente contíguos aos concessivos, como as adversativas, as causais e as condicionais⁵³, os quais, não sendo os primeiros a ser adquiridos, emergem sensivelmente em estádios anteriores aos três anos. Ainda assim, alguns autores consideram tardia a emergência destas estruturas complexas: por comparação com outras estruturas, como as causais, Evers-Vermeul (2005) defende que a emergência de adversativas é mais tardia; por seu turno, Bowermann (1986, 287), referindo vários outros estudos, deixa claro que, na segunda metade do terceiro ano de vida, outras estruturas, antes das condicionais, estão já adquiridas: «*By the time if or its equivalent appears, children have typically been conjoining clauses with other connectives for several months, and there seems to be no formal reason why they could not do so with if as well.*»

Relativamente às concessivas, a informação disponibilizada pelos estudos sobre aquisição é escassa, fundamentalmente devido à quase total ausência de produção destas conexões nos *corpora* de aquisição de fala espontânea de crianças. Por exemplo, para o inglês, Diessel (2004) analisou trezentos e cinquenta e sete ficheiros, em sistema CHILDES, de interacções verbais espontâneas de crianças, entre o 1;8 e os 5;1, com os pais. Entre as mil quinhentas e cinquenta frases adverbiais, não foi encontrada qualquer concessiva: «*Apart from and, the children make frequent use of because, so, but, when, and if. All other conjunctions occur infrequently, and, with the exception of while, are only used by some of the children. Note that English has a variety of other conjunctions that do not occur in the transcripts. There are, for instance, no concessive clauses marked by although or whereas, and many temporal and conditional conjunctions are also entirely absent (e.g. once, as soon as, whenever, unless). Thus, the children use only a small subset of conjunctions that are available in English to indicate a link between two conjoined clauses.* (Diessel: *idem*, 157). Além disso, neste estudo sobre a

⁵³ Sobre a aquisição de adversativas, considerem-se as referências em Bloom *et al.* (1980); Costa *et al.* (2008), Diessel (2004); Evers-Vermeul (2005); Prada (2000); sobre a aquisição de causais, considerem-se as referências em Bloom *et al.* (1980); Diessel (2004); Evers-Vermeul (2005); Lopes (2004); sobre a aquisição de condicionais, considerem-se as referências em Bowerman (1986); Diessel (2004); Reilly (1986), e.o..

aquisição de frases complexas em inglês, também se conclui que advérbios conectivos, como *however*, são extremamente raros nas primeiras produções das crianças.

Embora já muito datada, em tempo e teoria, na dissertação de Jean Piaget, de 1924, *Le Jugement et le Raisonnement Chez l'Enfant*, referem-se dados de trabalho experimental com conectores concessivos do francês, como *bien que*, *quoique*, *malgré que* e *quand même*. No estudo do desenvolvimento do raciocínio lógico da criança, Piaget usa, como metodologia, a análise da produção de conectores. Em concreto, no estudo dos «conectores de discordância»⁵⁴, o autor analisa as produções induzidas, através de um teste de completamento, de cerca de duzentas crianças, entre os sete e os nove anos, havendo ainda um grupo de controlo de raparigas com cerca de treze anos. Com base neste estudo, Piaget (1924, 39) conclui que «*en fait les conjonctions de discordance sont fort mal comprises avant 11-12 ans.*»

Em comum, os resultados de Piaget (*idem*) e de Diessel (2004) situam a aquisição de conectores concessivos num estágio certamente mais tardio do que o dos outros conectores semanticamente contíguos a este valor⁵⁵. A ideia de Diessel, de que as crianças, pelo menos até aos cinco anos, parecem usar apenas um subconjunto dos conectores disponíveis na gramática da sua língua, permite-nos retomar a mencionada questão prévia ao ensino da gramática explícita: afinal, que conectores concessivos conhecem e usam as crianças quando começam a dominar a escrita compositiva, nos primeiros anos de escola? E que conhecimento e uso de conectores contrastivos caracteriza o perfil dos jovens escritores adolescentes no final da escolaridade básica?

Numa primeira resposta a estas questões, que deve ser entendida como evidência do interesse da investigação destes aspectos, os dados de análise de produções escritas de alunos de Prada (2000) e de Lopes (2004) revelam que a hipótese de Diessel (2004) pode ser suportada ao longo de fases avançadas da escolaridade básica. Em Prada (2000), na análise do *corpus* C, com produções escritas de narrativas de alunos, em contraste com um total de duzentas e cinquenta e nove adversativas, são produzidas vinte e oito concessivas. Para os mesmos totais, existem cinco adversativas mal

⁵⁴ Por «conjunções de discordância» entende Piaget os conectores que expressam a negação do efeito esperado numa relação de causa-efeito. Relativamente à aquisição de *mais*, no estudo de Piaget considera-se que o valor de discordância deste conector está adquirido entre os sete e os oito anos. Note-se que o conceito de aquisição aqui assumido é diferente do assumido nos estudos mais recentes sobre aquisição, nos quais se contemplam dados relativos às primeiras emergências e não dados relativos à mestria plena de uso. Por esta razão, por exemplo, em Bloom *et al.* (1980) e em Costa *et al.* (2008) a aquisição de *but* e de *mas*, respectivamente, está assegurada antes dos três anos.

⁵⁵ Flamenco García (1999) e Varela (2000) mencionam a ideia de que a aquisição das estruturas concessivas é tardia.

construídas, enquanto as concessivas mal construídas são catorze, ou seja, são metade do total. Em Lopes (2004), para um total de cento e trinta e cinco adversativas produzidas nos textos dos dois grupos de alunos, do 5º ano e do 8º ano, encontram-se apenas seis concessivas.

O carácter tardio da aquisição de concessivas, que aponta para estádios que acompanham já fases de escolarização, permite reequacionar a questão do desenvolvimento linguístico deste tipo de estrutura em termos de desenvolvimento da literacia de escrita e de leitura. São as recentes abordagens a questões do desenvolvimento das literacias que valorizaram o facto de nem todos os aspectos do desenvolvimento linguístico se poderem dar por concluídos no início da escolaridade: «*By the time the child reaches middle childhood there seems very little left to learn about the semantactic aspects of language. Many researchers believe that basic syntactic competence, at any rate, is achieved during the first few years of early childhood. However, one can propose that there is a distinction between basic competence and elaborated competence, and the descriptions of basic competence can vary.*» (Menyuk e Brisk: 2005, 124).

Tomando como hipótese que o que pode estar em causa, relativamente à aquisição e estabilização do conhecimento de concessivas, é um processo de desenvolvimento de um estado de «competência linguística básica» para um estado de «competência linguística elaborada», importa ter em conta alguns aspectos caracterizadores deste conhecimento linguístico mais tardio e elaborado. A este propósito, afirma Ruth Berman (2004, 10): «*From this we concluded that becoming a native speaker is a rapid and highly efficient process, but becoming a proficient speaker takes a long time.*»

Efectivamente, segundo Berman (*idem*), o processo de desenvolvimento de sujeitos linguisticamente proficientes é determinado por dois aspectos cruciais: o primeiro diz respeito à relevância da complexidade estrutural das estruturas em desenvolvimento, que se distancia da importância dada à emergência das aquisições precoces; o segundo coloca numa posição de destaque «o problema da escolha» de «o que dizer» e de «como dizer», dado que o desenvolvimento tardio envolve opções do sujeito, que se pretendem adequadas, entre um repertório de possibilidades expressivas. Este estádio de proficiência linguística é associado ao conceito de «linguistic literacy», que tem como pré-requisitos a capacidade de aceder rapidamente e de forma flexível a diversos registos linguísticos e o domínio de vários níveis de língua e de diferentes tipos

de texto, o que exige desenvolvimento cognitivo adequado, uma exposição a diferentes géneros textuais e experiências extensivas em diferentes situações comunicativas.

Explicitadas as principais questões que envolvem o desenvolvimento do conhecimento de concessivas, torna-se evidente que a questão geral de investigação, enunciada no capítulo 2, não pode ser avaliada de forma simples e directa. Para se poder determinar se o conhecimento explícito de estruturas contrastivas tem uma correlação positiva com o desenvolvimento da escrita, devem considerar-se as seguintes questões específicas de investigação: que conhecimento linguístico implícito sobre estruturas contrastivas está em estabilização ao longo da escolaridade básica? Em que medida a estabilização de conhecimento linguístico sobre concessivas afecta o desenvolvimento da produção escrita? Finalmente, pode o ensino explícito da gramática estimular, por um lado, o alcance de uma «competência linguística elaborada» e, por outro, o desenvolvimento da competência de escrita?